

MAÇÃS
DE
OURO

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentem, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

MAÇÃS

DE

OURO

TEXTOS AVULSOS PARA REFLEXÕES

Doriel Veloso Gouveia

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantitativo que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

João Pessoa-PB
2018

Provérbios, 25:11

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo.

Sumário

| | |
|---|---------|
| 01 - <i>Um mim que pode produzir ouro?</i> | pág. 7 |
| 02 - <i>Vencer (de verdade) em espírito em veículo de carne</i> | pág. 9 |
| 03 - <i>Um coração de carne espiritualizado</i> | pág. 11 |
| 04 - <i>E conhecereis a verdade é a verdade vos libertará</i> | pág. 13 |
| 05 - <i>"Escondidinho" de espírito em espírito</i> | pág. 17 |
| 06 - <i>Santo Espírito, sopra-me</i> | pág. 21 |
| 07 - <i>Ressurreição</i> | pág. 23 |
| 08 - <i>Harmonia entre Paulo e Tiago</i> | pág. 25 |
| 09 - <i>Obra de Deus, obra dos homens</i> | pág. 27 |
| 10 - <i>Ideologia de gênero</i> | pág. 31 |
| 11 - <i>Sobre o vinho</i> | pág. 33 |
| 12 - <i>Vinde a mim</i> | pág. 37 |
| 13 - <i>Eu mindinho</i> | pág. 39 |
| 14 - <i>Plantar e colher não só para si</i> | pág. 41 |
| 15 - <i>Eterno e infinito que eternizam e que "infinimizam" a carne</i> | pág. 43 |
| 16 - <i>Só há tentação nos limites da carne</i> | pág. 47 |
| 17 - <i>Só em espírito</i> | pág. 49 |
| 18 - <i>Ênfase necessária</i> | pág. 51 |
| 19 - <i>Eclipse de espírito em espírito</i> | pág. 53 |

20 - *O real que acidentalmente esconde o espírito (como se essencialmente isso fosse possível)*.....pág. 55

21 - *Fogo de sarça e de fornalha*.....pág. 57

22 - *Como bem esconder o Eu em carne resgatada*.....pág. 59

23 - *Maçã das maçãs*.....pág. 63

UM MIM QUE PODE PRODUZIR OURO?

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Forço-me e esforço-me, no trabalho, em poder fazer o melhor de mim, tirando o melhor das forças dos meus membros, dos meus sentidos e das minhas funções; tudo isso por mais que prazeroso possa ser para aqueles que não se aceitam num viver sem realizações, assim como o é este mim de minha carne!

Tenho o meu corpo sadio e agradeço por esse privilégio de contar, todos os dias, com essa possibilidade de forças e de disposição em fazer e construir. Todos os dias movimento-me durante os horários de labuta diária e de descanso, à noite, dormindo bem, sem fantasmas a me perseguir, bem certo de que tenho uma família maravilhosa, os meus filhos Doriel, Doriella e Diara, o meu genro Kleber, a minha nora Patricia, os meus netos Miguel e Paloma e o Pedro. Sem olvidar a minha companheira, a minha amada Maristela, que é tudo para mim. E assim, nessa base de tranquilidade, em casa e no trabalho, vou seguindo a minha vida, sem pretensões de fortunas, apenas procurando ter o mínimo de conforto para mim e para a minha família. Neste ponto, então, sou um afortunado.

Porém, num outro aspecto, vivo uma inquietação, e esse aspecto é o sentido existencial em que me pergunto, todos os dias, sobre o que é que estou fazendo pelo outro, pelo próximo. E é aqui, precisamente, que entra a iniciativa que tomei, faz já alguns anos, a partir da idealização de um projeto que vem se concretizando ao longo do tempo, pedra sobre pedra, desde precisamente o ano de 2008. Falo do projeto Subindo o Monte, um projeto com registro dos seus estatutos em cartório de títulos e documentos. E esse projeto, se para muitos ele está parado, para mim, não. Eu o movimento todos os dias. Tanto que tenho, já, duas obras literárias divulgadas, que são: 1) **Subindo o Monte** e 2) **O Divino e o mundo**. E tenho mais três obras literárias por divulgar, que são as seguintes: 1) **Dois Discípulos Simplesmente**; 2) **...Enquanto Passas**; e 3) **Maças de Ouro**.

Procuro fazer desse meu projeto como se fosse uma macieira especial, sendo toda a sua dimensão de um certo tipo que o tempo não a destrói; pelo contrário, é como um minério, como o ouro, o qual mais e mais se revela puro e reluzente, à proporção que lhe aquece um fogo que lhe é constante sem ser demais. Esse ouro, então, começa na raiz dessa macieira especial e se desenvolve por seus ramos, até aparecer com refinamento inconfundível nas maçãs produzidas, que são tantas, como já se viu e como se verá adiante.

Sinto que, ao lançar ao solo da minha existência a semente dessa macieira, antes de amar-a-meu-próximo, eu devia primeiramente amar-a-mim-mesmo, sendo, pois, esse amor-a-mim-mesmo um fator essencial para a florescência e a frutificação dessa planta maravilhosa do quintal desta minha existência de carne.

Aos que, neste estágio do desenvolvimento deste texto, já esboçam um sorriso de reprovação no canto de sua boca, vou logo prevenir: "*desavisados sois vós, ó apressados do mundo. O Doriel que tecla neste tablet pode ser grávido de desejos deste mundo que vos limita, mas o Eu-*

Espírito que o toma por veículo, apenas esse Eu-Divino sabe que o amor de primazia não é um amor de carne, muito embora esta seja tomada como veículo".

Portanto, se o quintal da minha existência pode contar com a macieira física de maçãs de ouro, essa condição especial só tem valia e somente pode aparecer para quem é nascido no espírito. E é justamente esse nascimento no espírito que possibilita ao Eu-Divino-em-mim o amar-a-mim-mesmo como condição precedente, necessária ao amor-ao-meu-próximo. Sim, seria um vazio de pomar de minha existência o amar-ao-próximo só-e-somente-só com o sentido único e utilitário de uma mera solidariedade. A macieira que assim fosse plantada tomaria como semente um elemento insustentável, resultando inevitavelmente numa macieira sem raiz. Pois é preciso que se utilize da verdadeira semente do amor-a-mim-mesmo, mas um amor-a-mim-mesmo em que me esvazie do mim, embora veículo imprescindível, para, necessariamente com ele, me plenificar do soprar constante, bondoso, misericordioso, confortante e reconfortante do Espírito Santificante, Santificante para mim-carne, evidentemente, e, não, para o Espírito Santo, pois Santo ele já o é e nunca poderia deixar de sê-lo.

VENCER (DE VERDADE) EM ESPÍRITO EM VEÍCULO DE CARNE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O **Eu** que disse haver vencido o mundo (João 16,33) era um Eu de carne ou um **Eu** de espírito?

É claro que, como tal afirmação saiu de lábios de carne (*o espírito manifesta-se sempre por um veículo material*), é preciso, contudo, bem sintonizar o fundo de verdade. Dizer-se ser vencedor e se dizer não ser vencedor seria mera manifestação de carne, pura e simplesmente; dizer-se assim, porém, vivendo a consciência de que se venceu o mundo efetivamente, então é manifestação do espírito, quase sempre, então, pela via de um veículo de carne; quase sempre assim o dizemos, porque a imagem da sarça ardente e falante, no Monte Horebe, como a imagem da serpente falante, no Éden, como exemplos, são veículos da natureza, extra-hominais, sim. No primeiro caso, nele se reunia uma manifestação de espírito (*o Pai, o Filho e o Espírito Santo*). Já no caso do Éden, a figura do animal (*escala evolutiva do ser embora maior do que a do vegetal - a sarça*), era de puro disfarce de um engano, contraposto à verdade de Deus, obra, pois, daquele que se mantém em postura de afronta perpétua e constante contra Deus, que é o decaído ser de luz, o anjo Lúcifer.

Um veículo de carne, pois, em espiritualidade profunda, de espírito, que jamais poderia ser enganador, deixou dito, por meio de um dos seus apóstolos, João. 16,33: "*Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo*".

O **Eu**, portanto, que assim verbalizou proveio de um veículo de carne, mas uma carne ressurrecta; ressurrecta da morte das ilusões do mundo. Uma carne que venceu o mundo ao tempo em que tinha existência, como um ser com músculos e com nervos e com ossos e com sentimentos, que ganhara uma consciência de amor profundo, cujo *consumatum* est, para tanto, se exhibe vitorioso e glorioso no *Gtesêmani*, ao não somente verbalizar, mas ser o veículo de carne, cujo correspondente Eu-espírito se integrava à Divindade, nos seguintes termos: "***não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade***".

O que isso mostra no plano real?

Mostra que o medo não existe, que a importância maior e verdadeira é sobretudo a **obediência** a Deus, a ponto de sangrar gotas de sangue, numa sintonia que torna a carne insensível às dores naturais de espinhos de uma coroa, de lacerações de chicotadas, de ferimentos de uma lança e do peso do próprio corpo suportado pelas mãos e os pés presos por cravos em uma haste e em um patíbulo de madeira tosca, em forma de uma cruz.

Ah, é claro que os olhos de carne de todos quantos protagonizaram, assistindo as ou assistindo às investidas feitas contra o corpo de um homem, é claro - dizíamos - que aqueles olhos de carne podiam avaliar aquele quadro como sofrimento de dor, porque eles eram e continuavam sendo de um plano de realidade puramente física, de mundo; e, no mundo, se deverá ter aflições. Mas, aquela carne açoitada, ferida por espinhos e por uma lança e em posição de peso que lhe

complicaria a vida biológica, sobretudo pela complicação do sistema normal e natural de inspiração e de expiração, gritava ao mundo cego que ele era tão cego e que assim tinha de continuar, porque, em espírito, "sorria", com a Divindade, a vitória da vida sobre a morte, não simplesmente uma vida de carne, como aquela que estava sendo exposta à execração, mas a de uma *indimensão* eterna e infinita.

Foi uma carne ressurrecta, veículo do Espírito, na *indimensão* homem-espírito em Jesus de Nazaré, **quem**, nascida de novo, em espírito, se antecipou ao eclodir escatológico, pela **obediência**, tornando-se sintonizada na Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), podendo, assim, verbalizar a verdade de um mundo de aflições, de cujo cenário não fugiu, nele mesmo, entretanto, atuando e proclamando-se vencedora desse mundo, explicando-se, destarte, por outro lado, a possibilidade de uma outra afirmação sua: ***a de que Ele e o Pai são um.***

Portanto, a carne de ***Jesus-tornado-Cristo*** ou a do ***Cristo-assumido-em-Jesus*** fez a afirmação de que vencera o mundo.

UM CORAÇÃO DE CARNE ESPIRITUALIZADO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os dedos que teclam neste *tablet*, os olhos que veem o texto tanto em produção como o já produzido, além do cérebro que contém e retém e desenvolve informações, enfim o conjunto de músculos, de nervos e de ossos estruturantes de minha realidade antropomórfica, tudo isso é veículo que, como ponte, aponta para um Céu de um Reino que não é deste mundo dos ossos, dos nervos, dos músculos, nem do cérebro, e aponta para o tal Reino só-e-somente-só na condição de um coração, sede de sentimento, que me possa fazer em sintonia de um Eu-divino que é neste meu mim com a gloriosa Divindade.

Portanto, devo, enquanto sendo esta realidade de carne, de músculos e de ossos e de um cérebro e de um coração, aquietar-me na pequenez que eles são e nunca pretender atribuir-lhes, em essência, a essência divina que não têm, com autonomia. Só mesmo quando o coração, sede de sentimentos, se torna veículo de passagem para um nascer de novo, sim, essa minha realidade de carne, de músculos e de ossos e de cérebro e de coração pode falar, agora, do nascer de novo, que é o nascer que vem, como o vento, que não sabe de onde vem nem para onde vai, mas, por certo, sempre sopra e por todos e para todos os lados. Esse elemento a que se chama vento é o fenômeno físico que se toma por empréstimo para associá-lo ao verdadeiro Aquele que é elo de comunicação entre o divino e todos os elementos físicos de carne, de músculos e de ossos e de cérebro e de coração: o Santo Espírito de Deus.

Ah, quão pretensiosos são os homens, em geral, e me não excluo dessa categoria, pois tenho a realidade da mesma carne, dos mesmos músculos e dos mesmos ossos, do mesmo cérebro e do mesmo coração quanto assim os são os deles e, por isso, nos deixamos dominar pela sensação de aprisionadores de homens, agindo, destarte, quais verdadeiros Herodes, quais verdadeiros Pilatos, ou mesmo agindo como pretensiosos aprisionadores de Deus, assim agindo enquanto os Anás e os Caifaz desde mundo que nos prende e nos cega.

Quando será então, ó Deus, que os homens, de um modo geral, alcançarão, de vossa Graça, aquela promessa que está vazada nos termos seguintes: "***Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis***" - Ezequiel, Cap. 36, vs. 25, 26 e 27.

Só mesmo como mais do que imitadores do ***Cristo-assumido-em-Jesus*** ou do ***Jesus-tornado-Cristo*** é que, em espírito, assim tanto como e quanto ele, poderemos nos despir da força de terra desses elementos de matéria, sem, entretanto, limitar-nos a uma "*batida em retirada*" para uma vida de mera meditação. Como o Rabi da Galileia, não os meus nervos, não os meus músculos, não os meus ossos, não o meu cérebro, não o meu coração, mas neles como veículo, possa o homem-espírito, integrado à Divindade, em novo nascimento, viver a condição terapêutica de um Mestre, Jesus, imiscuindo-me em toda a sorte de dificuldades e de todo o tipo de fome e de todo o tipo de

sede e de todo o tipo de doença e de todo o tipo de prisão e de todo o tipo de nudez, estendendo-me, generoso, nos caminhos por onde passam esses necessitados, não em atitudes e gestos de uma presença exibicionista, mas no tanto quanto possível de um anonimato que se não alinha de forma alguma com meritocracia nenhuma e sim num espargir de graça das Graças tão dadivosamente esparramadas por puro amor de Deus.

Assim, imbuído de um agir que passa por mim, mas não é meu, sou o anônimo para os necessitados, mas nunca para Deus, enquanto, inquieto, assisto às religiosas manifestações de tantos homens e de tantas mulheres (católicos, anglicanos, evangélicos, espíritas, bramanistas, budistas, muçulmanos etc.), passando e repassando o que consideram experiência da carne, de suas carnes, dos seus músculos, dos seus ossos, dos seus cérebros, dos seus corações, como que seguros e convictos de que os acréscimos de que fala o Evangelho são deles e disso inalienavelmente assegurados. Coitados, como coitado o sou, também, porque em contexto de mundo eu ajo tal qual agem eles. Mas, quando, onde e como eu me transporto e transmentalizo a força do espírito, morrem-me aquelas aspirações e me sujeito, em espírito - assim o me permita, com frequência, o Todo Poderoso - porque tudo é ele, tudo é dele, tudo é nele.

Seja-me Deus, no que eu possa assistir o e no que eu possa assistir ao pobre, ao preso, ao nu, ao doente, respeitando, em qualquer circunstância de lugar, do meu perto ou do meu muito longe, com a indumentária de religioso ou não, de frequentador de templos, ou não, de bom ou não pagador de dízimos de um salário, seja-me Deus - eu dizia - a confiança de um adjutor seu, em espírito, com a participação que não me faça presunçoso de um aprisionamento seu, como se um Anás ou como se um Caifaz, nem também, muito menos, um aprisionador de homens, à semelhança dos Herodes e dos Pilatos deste mundo.

04

***E CONHECEREIS A VERDADE
E A VERDADE VOS LIBERTARÁ***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Assisti, já, por diversas vezes, no rádio, na televisão, e também li, nos livros, nos jornais, nas revistas, ou ainda diretamente ouvi da boca de pessoas em interlocução comigo, e continuo assistindo (e lendo e ouvindo) à ênfase que se exhibe, como que estrategicamente, ao se pronunciar, qual poderoso bordão, a frase que dá título ao presente texto: ***e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.***

Acho correto que a boca que pronuncia ou a ponta do dedo que escreve, seja ela de um Papa, de um Pastor ou mesmo se pudesse pertencer, por exemplo, ao uso comum de um *swami* (sacerdote bramanista) ou de um *rabino* (sacerdote judaico) ou de um *imã* (sacerdote muçulmano) ou mesmo de um ardoroso fiel, jornalista ou não, escrevendo ou dando depoimento a um jornal, a uma revista ou de um autor de um livro, acho correto - dizia - que aquela boca ou aquele dedo devessem pertencer a um cérebro e a um coração de alguém, cuja razão e cujo sentimento se apresentassem libertos do sentido de propriedade e de posse quanto a ser ele o dono daquela verdade que ele diz e que ele proclama como libertadora.

Sim, essa liberdade é fundamental, é essencial, porque a verdade e a liberdade de que fala a frase em referência não podem suportar, de forma alguma, o sentido de uma propriedade e de uma posse por parte de nenhum ser nascido de mulher. Homem nenhum, religioso ou não, segundo o costume organizacional, em sociedade, daqui ou d'alhures, há de se imbuir, enquanto realidade de carne, simplesmente, como proprietário-possuidor de uma verdade e de uma liberdade que são exclusivas de Deus. Essa condição de exclusivas, ressalte-se, sem ressalvas, significa que Deus, uno ou trino, como centro-essencial, se dilata, por querer imperscrutável, em humildade, na diversidade de Eus, assentada na periférica dinâmica do mundo dos vivos de uma vida abundante. E assim essa diversidade de Eus, sede de homem enquanto Espírito, somente ela, sim, é que, como fruto de um nascimento contraposto ao nascimento biológico, que é o novo nascimento, pode, por ser Deus pelo sentido integrativo, dizer-se e se proclamar dona daquela verdade e daquela liberdade.

Por isso, arrepiava-me o sopro de Deus que me faz alma vivente ver tantos homens e tantas mulheres, após recitar a frase ***e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará***, assumirem um ar de propriedade e de posse, tanto da verdade como da liberdade que tal frase deve encerrar. Coitados eles e coitado, também, de mim, porque a carne deles e também minha são tendenciosas e delas há de se libertar o homem-espírito, pelo novo nascimento.

É muito triste (*porém se há de ter a compreensão da misericórdia, à semelhança daquela que é de Deus, aqui e agora em escala hominal*), é muito triste - assim dizia - assistir a esse quadro doloroso para o homem, mas nunca para a Divindade, como panorama mundial de homens que, religiosamente falando, pelo sentido de uma propriedade e de uma posse de uma verdade e de uma liberdade, se deixam repousar, como num alívio egoísta, em pretensa condição de aprisionadores de

Deus, como se este assim pudesse sê-lo. Agem, destarte, como se fossem astutos Anás ou como se fossem perspicazes Caifaz. Sim, não se desgarram de uma convicção, na linha de uma razão e de uma emoção, para se garantirem como libertos e donos e possuidores de uma verdade, quando essa verdade e essa liberdade hão de ser frutos de um nascimento novo, nascimento esse, por sua vez, que não está na vontade direta da carne, nem na deles nem na de ninguém!

O Eu-Divino, no mim desta carne que ora tecla neste *tablet*, conheça a verdade e se liberte ela plenamente, tal como foi promessa de Deus: "***Então, espalharei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos, e guardeis os meus juízos, e os observeis***" - Ezequiel, Cap. 36, vs. 25, 26 e 27. E que esse conhecer não lhe venha pelas vias naturais dos seus sentidos, nem de sua imaginação nem de sua memória. É que todos esses canais são canais de carne. O conhecimento, então, por novo nascimento, se processe, de verdade, na via do Eu-Divino, mediante a melhor intuição que faça, em espírito, o espírito integrado ao Divino, por um querer dele, mesmo que a porta dos sentimentos possa estar comigo. Assim, então, sem que o saiba, por conhecimento não-intelectivo, se opere o novo nascimento, da forma como se processa com o vento físico, que não sabe de onde vem nem para onde vai, pois o seu soprar, em espírito, é o que dá importância e movimento, ainda que ambos (a importância e o movimento) sejam próprios de um dinamismo que se neutraliza no ilimitado infinito e na duração constante e perpétua da eternidade de Deus, para cujo trono ele anela o retorno dos Eus de uma periferia existencial que ele não deixou ao desabrigo de sua vontade salvífica, prometida logo em seguida à queda do homem pela ***desobediência***.

Então, que, em espírito, embora recorrendo aos elementos de matéria em relação às quais uma sintonia deve corresponder ao veículo da minha realidade de carne, como fruto de uma lei que me faz bem relacionado com o próximo (do 5º ao último dos Dez Mandamentos, versículos 12 a 17, do Capítulo 20 do Livro do Êxodo), ponha-se-me operante, igualmente em espírito, por completo, a ***obediência***, em novel nascimento, com a intuída interação e integração do Eu-Espírito com a Divindade, coroada na expressão e materialização dos acréscimos decorrentes e advindos do correspondente amor que deve acontecer, nestas e por estas condições daquele que, em primeiro lugar, nos concedeu a ***liberdade*** para, somente depois dela, exhibir-nos a ***verdade***: "*Então, falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão* (versículos 1 e 2, do Capítulo 20 do Livro de Êxodo). Nestes versículos, pois, precisamente, reside a ***liberdade***, como precedente da ***verdade***; nos versículos seguintes, todos do mesmo Capítulo 20 do Livro de Êxodo, reside a ***verdade, aquela verdade de Deus em relação ao homem e do homem em relação a Deus***: *3 Não terás outros deuses diante de mim. 4 Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. 5 Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem 6 e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos. 7 Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão; porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão. 8 Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. 9 Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, 10 mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. 11 Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo que neles há e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou."*

Seja assim o conhecimento da *verdade*, que é nada mais nada menos que a Palavra de Deus e também seja assim a *liberdade* dela decorrente, tanto para mim, quanto para o Papa, quanto para o Pastor, quanto para o *swami*, quanto para o rabino, quanto para o imã, enfim, quanto para todos e para cada um dos homens-carne deste mundo; isso tudo, porém, sem nunca olvidar que essa *liberdade* que se disse decorrente da *verdade* é aquela mesma que precedeu a esta, pois, para o estabelecimento da *verdade*, Deus, previamente, libertou o homem da escravidão.

Assim seja!

05

"ESCONDIDINHO" DE ESPÍRITO E EM ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Salmos 119:11***Escondi a tua palavra no meu
coração, para eu não pecar contra ti.***

Quero dizer que uma afirmação, tal como a posta em destaque, sai (*e somente pode sair mesmo*) de lábios de carne. Contudo, é preciso não esconder que o verbo esconder flexionado no pretérito perfeito (*escondi*) enfatiza e "*irrealiza*" a verdade, uma verdade posta como salmo no coração de alguém (o salmista), um coração que não é (*embora a ele conduza, naturalmente*) o órgão que bate no peito, dentro do peito, melhor dizendo, dentro do tórax, o coração de carne. E o eu da frase é eu com inicial minúscula, porque se refere à carne, pois é esse eu pequeno, de carne, quem somente pode pecar. Já o Eu, com inicial maiúscula, Eu-Divino, este, por ser Divino (ou seria melhor dizer não ser?) é Deus em cada um dos homens e mulheres deste mundo. Portanto, quem esconde não é o Eu e sim o eu, para prevenir a condição de carne, no sentido de enganá-la e não permitir que ela brinque com a Palavra de Deus, de modo que, em espírito, se processe o novo nascer com a carne meio tonta e aturdida, de tanto buscar e não encontrar a Palavra para atentar (sempre em vão) contra ela, visando destruí-la, justamente porque ela está escondida na sede do sentimento puro - um coração de sentido, de sentimento.

Sendo assim, pode-se afirmar, seguramente, que a carne de um Rei tão conhecido, como Davi, efetivamente cindida entre o maligno e o benigno de sua existência, pôde deixar à posteridade essa façanha de sua carne, mas carne enquanto tocada pelos benignos propósitos, essa façanha - dizíamos - de ter escondido a Palavra de Deus da porção maligna dessa sua mesma carne, pois é preciso essa iniciativa hominal, mesmo que o lado maligno não possa destruir o indestrutível que é a Palavra de Deus.

Esse Verbo, essa Palavra, que terminou se fazendo carne, é poderosa, mas periclita a condição hominal de ser carne e não-ser espírito, em concomitância, no homem-gênero, portanto realidade de barro, mas também abrigo do Eu-Divino. Pois o Davi da História, tão envolvido em sangue das muitas batalhas que travou, até mesmo arrancando prepúcios de filisteus mortos, obteve o nascer de novo e o desenvolvimento, em espírito, para deixar "*salmificada*" a proteção à Palavra de Deus, de um modo tal, que a correspondente parcela maléfica de sua carne não pudesse atentar contra ela, mesmo que, em sua íntima essência, seja ela indestrutível - isto já o dissemos, mas não custa repetir.

Assim é a postura de quem, só-e-somente-só em espírito, consuma a "irrealidade" verdadeira, mediante a flexão pretérita do propósito de esconder, verbalizado, pois, através de lábios de carne de quem, no seu tórax, dentro dele, tem ainda a palpitar o seu coração de carne. Veja-se que, na Palavra de Deus, não está dito "escondo" (no tempo presente), nem está dito

"esconderei" (no tempo futuro), mas está muito bem posta a certeza definitiva de um propósito já tomado e adotado, em consciência e em nível de espiritualidade bem superior. No "escondi", por ser pretérito e por ser perfeito, reside o *consumatum est* que não mais torna periclitante, para o homem-gênero, a dura realidade que é ser, ao mesmo tempo, carne e abrigo do Eu-Divino. É, pois, qual um paralelo entre o gato e o rato, porém já vivendo este (o rato) a situação de segurança quanto a estar bem escondida, em segurança plena, não tanto a sua carne do poder ser ela consumida pela também carne do gato, mas a Palavra de Deus, como fonte do Eu-Divino, que nunca pode estar ou ser, em essência, no gato nem no rato, por ser privilégio apenas dos nascidos de mulher.

Vocês, meus caros leitores e minhas caríssimas leitoras, já "*esconderam*" a Palavra de Deus na sede de um coração de carne, que é de vocês. Isto assim afirmamos, sem nenhuma dúvida e, portanto, sem nenhum sentido de uma pergunta, porque o propósito divino é que assim se perfaça o cenário existencial de cada criatura. Ele (*Deus*) é esse seu coração, sem dúvida, porque criador de tudo e de todos, porém, após uma queda vergonhosa, para o homem, no Éden, ele (*Deus*) prometeu acerca de uma inimizade que se tornou patente e também indestrutível, pela carne. Essa promessa de inimizade, tornada concreta e indestrutível, consiste em que o bem e o mal como passíveis de conhecimento processado no ambiente da desobediência, no futuro de uma flexão verbal (*porei*), não teve que esperar milênios, nem séculos, nem decênios, nem anos, nem meses, nem dias, nem horas, nem minutos, nem segundos. Como algo instantâneo, essa promessa se tornou concreta, logo em seguida àquela queda, bastando que houvesse quem, com olhos de espírito, pudesse, como filho de mulher, ferir a cabeça da serpente daquele conhecimento, mesmo que este ainda lhe venha ferindo o calcanhar. O que foi preciso esperar, entretanto, foram os olhos de carne de quem, nascido de mulher muito tempo depois, viesse (como efetivamente veio) atingir a plenitude da revelação de Deus, mediante os olhos de espírito nele operantes e bem operados, mostrando a concretude de uma ferida na cabeça que assim vem aberta e nunca cicatrizada, em Lúcifer, que continua e permanece, nesta terra, com a sua inglória luta de mal contra o bem, quando aquele jamais pode prevalecer sobre este. Sua cabeça não será ferida; ela já foi ferida naquela famosíssima sentença proclamada no Éden: "*Porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*" - Gênesis, 3, 15.

Portanto, trata-se de um futuro instantâneo, de um "*escondidinho*" de espírito e em espírito, que passa a ter o sentido afirmativo e de proteção da Palavra de Deus contra qualquer maldade por parte da carne que lhe dá abrigo, pois esta mesma carne é o verbo que assim se fez (carne), por amor infinito e eterno do próprio Deus; amor que é sua expressão maior, seja no cenário do Céu, com Deus, em seu trono, trono que não é nada físico, apenas tomado como símbolo de um centro-essencial; seja no cenário do mundo de uma diversidade-existencial. Tanto nesse centro-essencial como nessa diversidade-periférica presente e manifesto é o amor: amor aos anjos, inclusive ao anjo de luz, Lúcifer que, por se pretender adorado tanto quanto ou mais do que Deus, como um criador. Podia esse anjo, após a batalha travada no Céu entre ele e Miguel, na qual saiu perdedor, ter sido aniquilado por Deus. Mas não o foi. Então, consoante a mesma prova do amor infinito de Deus, por *mysterium tremendum* se auto-permitindo a humilhação da *ex-istência*, por um Unigênito e com ele, o Cristo, fê-lo, isto é, fez Deus se aninhar na sua criatura excelente, o homem, no sexto dia de sua faina criadora, ao mesmo passo em que, criando o mundo em seis dias, permitiu, por amor, também, que Lúcifer, aquele anjo perdedor daquela batalha, não terminasse aniquilado, mas fosse, como o foi, precipitado para esse mesmo mundo de sua criação. Esse Lúcifer, então, passou a rodear toda a terra e ainda hoje a rodeia e foi ele quem se transformou em serpente e tentou a Eva e a Adão, que caíram, e que esse Lúcifer se transforma, ainda, nos dias de hoje, em tantos disfarces, tentando

provar a Deus que o homem não lhe é fiel, mas sim que é fiel a ele, Lúcifer, e que a ele Lúcifer vem adorando, por tantas Evas e Adãos de ontem, de hoje e de sempre.

A garantia, entretanto, é a de que a inimidade está posta, foi instantânea mas também com projeção de futuro (*porei*) e, por isso, o amor de Deus nos pode garantir, em *indimensão* de espírito e de espiritualidade, que a sua Palavra há de ser e de ficar escondida, escondida de verdade mesmo, e protegida do lado mal da carne onde Lúcifer persiste em suas maléficas ações, porém sempre detido pelo poder de quem venceu a morte das ilusões deste mundo, o Cristo, o Unigênito de Deus, encarnado no filho de José e de Maria.

06

SANTO ESPÍRITO, SOPRAI-ME

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Vós, Santo, que assim sois (Santo), porque sois separado e, em sendo separado, sois como Deus, que é Santo, separado, também.

Separado, igualmente, sois vós, Cristo, que sois também Santo.

Devo enfatizar que o vós, pronome inicialmente verbalizado, neste texto, substitui (*esta, uma das funções do pronome*) substitui - dizíamos - o Santo do Espírito, que é sopro e que é como o vento, o vento de todos aqueles que nascem de novo, no novo nascimento do Espírito.

Não há, para o nível de intuição hominal (*consciência mais próxima do divino*), como se chegar a Deus, senão por via de vossa Santidade, Santo Espírito. E eu fico a me postar (*não a me prostrar, o que seria uma submissão*), e eu - dizia - fico a me postar receptivo a vós, separado Santo Espírito, haurindo-vos os santos encaminhamentos que me fortalecem em espírito a grandeza do Deus trino que vos tem por arauto.

O vosso anúncio é, todos os dias, direcionado ao homem-espírito, nunca ao homem-carne, diretamente a este; somente de modo reflexivo este pode obter acréscimos de ordem material, pois assim brada o Evangelho.

Jesus, que encarnou o Santo Cristo, sendo uno, em Espírito, convosco, Santo Espírito, ele nasceu de novo, para além, muito para além daquele nascimento biológico como filho de carne de Maria e de José, como ele assim bem admoestou Nicodemos. Sua lição, Santo Espírito, com o vosso sopro de separado, de Santo, fê-lo, também, nascido de novo, em Espírito. Mas esse nascimento dele, como o de qualquer homem-espírito, não se processa por nenhuma intervenção humana, não se desenvolve por nenhuma engenharia humana. É semelhante ao que acontece com a harpa eólica, instrumento de homem, executado, musicalmente, apenas pelo vento, que faz extrair, das suas cordas presas e tesas, sons maravilhosos e diferenciados e constantes, tantos sejam os sopros dos ventos.

Portanto, que a minha carne e a carne do meu leitor e da minha leitora se afastem radicalmente da pretensão de protagonizar essa musicalidade de vossa harpa que também é eólica, mas eólica de uma "*irrealidade*" que não se sente na pele e não se vê seus efeitos com os olhos da carne, diferente, pois, da realidade do vento físico. Ambos, porém, têm a característica facilmente notável, que é a de não se saber de onde vêm nem para onde vão e que ainda se sabe que eles sopram para todos os lados.

Santo Espírito, sopra-me, em Espírito, pois eu sei que coisas boas me virão, como acréscimos, para esta minha tão pobre carne, mas não seja ela jamais o veículo da primazia do vosso santíssimo soprar.

Soprai-me, Santo Espírito, e me ajudai a ser-vos receptivo, em Espírito!

07

RESSURREIÇÃO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Revelar aquele que é velado pela ignorância
em trevas que esta alimenta
sem, todavia, diminuir o velado.
O velado não depende de ninguém, do mundo.
Naturalmente, há uma coexistência,
muito embora o velado seja
superior ao existir.
Já o existir das trevas
é como algo dissipante,
embora denso, mas dependente do velado.
Esta minha cabeça
e esta minha mão
neste instante dirigidas
como sempre
submetem-se ao velado.
Ele é poço de amor
da água brotada de um vale
da existência dele,
consentida,
desse amor que é todo entrega.
E minha cabeça e minha mão
se destroem com o tempo do tempo
mergulhadas em trevas.
Mas, se ressurrectas
por Cristo e em Cristo,
por última trombeta,
antecipam-se ao eclodir escatológico
e com o revelado soberano
sorriem do improvisado
que é o mundo.

08

HARMONIA ENTRE PAULO E TIAGO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

É por *Graça* que se é salvo, sim, pois, concomitante à queda do homem, no Éden, Deus decretou a inimizade entre a serpente (e a sua semente) e a mulher (e a sua semente). Então, Paulo está certo ao dizer que é por *Graça* que se é salvo e que, portanto, Deus não é conquistável e, sim, gratuito. Mas será que o irmão de Jesus, Tiago, autor da Epístola de mesmo nome, onde diz que a fé sem obras é morta, estaria na contramão do que disse Paulo ou é harmonizável o que dizem ambos? Respondemos que é harmonizável, sim, pois Paulo fala de causa, enquanto Tiago fala de efeito. Isto o dizemos no que se refere à questão da fé. Fé com obras. Fé sem obras. O que Tiago quer dizer sobre fé com obras como salvadora é que a fé correspondente e obtida pela *Graça* somente ela é que torna possível a verdadeira obra. E o Gênesis, no versículo 15 do Capítulo 3, ao utilizar o verbo pôr no futuro (porei), na verdade não esconde a bondade de Deus misericordioso, não exigindo que passassem milênios, séculos, decênios, lustros, nem anos, nem meses, nem dias, nem horas, nem minutos, nem segundos, nem frações de segundos; foi instantâneo o seu gesto de amor. A inimizade entre a serpente (e a sua semente) e a mulher (e a sua semente) foi posta de imediato ao nível de consciência negativa, despertado pela responsabilidade de uma nudez, logo amparada pela pele de um cordeiro já "morto", como a sinalizar o cordeiro que tira o pecado do mundo por "morrer" a "morte" das ilusões do mundo e, não, por ter sido criminosamente açoitado, coroadado de espinhos, crucificado e ainda lancetado. Tudo evidentemente em expressão de espírito. Porque a carne, desde Adão, no Éden, à do Adão de hoje, por mais que seja residência de espírito, tornado consciente pela residida, que é a carne, ainda assim esta é e continua fraca. Por outro lado, o espírito, que não é lado e não o tem, é pronto, sempre pronto. E não nasce. Na verdade, ele pode, sim, pelo lado homem-carne, ser *despertado* por este, pelo seu residido Eu-espírito. E é esse Eu-espírito *quem* esmaga a cabeça da serpente, conquanto esta, teimosamente, nos tempos que antecedem o escatológico, lhe venha ferindo o calcanhar. Mas deixemos estar, pois o pós-escatológico, que pode ser no agora deste momento, para quem, como Jesus, "*morre*" a "*morte*" das ilusões do mundo, sem dele fugir, evidentemente, deixemos estar - assim nos confortávamos - porque a certeza da fé com obras, aquela em que se vê o invisível e se acredita no impossível, faz-nos, como único meio capaz de estarmos no colo de Deus (em imagem antropomórfica, é verdade, a qual sempre limita a nossa tão limitada capacidade de finitude), faz-nos - dizíamos - prevalecente o nada, tanto o nada *no* e *do antes* como o nada *no* e *do pós* do princípio de todas as *ex-istências*...

Portanto, aos que se entregam a trabalhos para a realização de obras, as quais, todavia, não ultrapassam a cápsula da mera solidariedade humana, se você, leitor, busca nelas e não encontra raízes profundas de impessoalidade, saiba que eles estão mal perante Deus. É que essas obras são frutos puramente do intelecto, da serpente perturbadora. A *Graça*, então, nesses casos, é como que assaltada pela visão e dimensão homem-carne, pelo seu intelecto, tornando o homem, de forma enganada, pelo inimigo de Deus, como se fora dono, como se fora proprietário, como se fora possuidor dessa *Graça*, que, em verdade, é, apenas, uma graça, com gê minúsculo mesmo e que,

portanto, não é *Graça Verdadeira*. A obra, para ser verdadeira, deve ser aquela decorrente da *Graça*, pois, se assim não for, é obra de mera dimensão humana e portanto de uma finitude flagrante.

Então, Paulo está certo e Tiago, também.

09

OBRA DE DEUS, OBRAS DOS HOMENS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sacralizar e profanizar; verbos que atenderiam a ações próprias, inconfundíveis, que não fariam com que uma interferisse na outra. Portanto, no que se relaciona a sagrado, o pretérito e o futuro seriam tempos verbais que nunca e jamais se lhes podiam aplicar, porque sagrado é perpetuamente, é eternamente, é infinitamente sagrado. O mesmo se deve dizer em relação ao verbo profanizar, se bem que em termos relativos. Também os modos verbais subjuntivo e imperativo perderiam sentido ante a imutabilidade dos substantivos correspondentes. No que se relaciona às pessoas (1ª, 2ª e 3ª), idem.

Ora, o que, em suma, se quer dizer é que aquilo que é sagrado não deixa de sê-lo jamais e, do mesmo modo, o que é profano não deixa de o ser também jamais. Eu não posso admitir a minha ação de sacralizar, que não a tive nunca, não a posso ter, nem nunca a terei, que a minha ação de sacralizar possa - eu dizia - fazer com que o sagrado se profanize ou vice-versa. Não está numa vontade, que possa ser minha ou tua ou sua ou deles ou delas dizer que, numa determinada época, isto ou aquilo é ou foi sagrado ou que isto ou aquilo foi profano. Sagrado sempre é sagrado, pouco importa a circunstância de tempo, de lugar, de história, de política, de ética, de moral. Não posso nem devo fazer discriminação entre o amor paternal e maternal assentado sobre uma relação de fundo biológico ou de ficção. Não posso nem devo fazer discriminação entre amor ou ódio existente entre homens e mulheres numa relação nem dual nem social, institucionalizadas. Não posso mesmo é fazer o que está fora da minha possibilidade, como o fato de o homem e a mulher se casarem e formarem uma só carne e procriarem, ou seja, da união deles, gerarem-se filhos, carregando toda uma carga genética própria, inconfundível. Isto é sagrado e não posso admitir, como sagrada, uma construção puramente humana e, não, divina, diferente da mencionada união.

O homem-carne casa-se com alguém de sexo oposto e, via de regra, dessa união, geram-se filhos, como algo de processo divino e, portanto, sagrado, imutável, eterno e infinito, na extensão de um tempo de prova que tem um fim que se costuma chamar de fim dos tempos; escatologia. Dentro desse tempo que tem fim, palpita a Vida e os vivos que somos a individualidade dessa Vida. Ser essa individualidade de vivo dessa Vida é ato puríssimo de amor que, por humildade, Deus se permitiu e nos permitiu, junto com aquele que não é criação, mas tanto Deus como o próprio Deus, unido com este no propósito de ser, ou seja, de se apresentar manifesto *no*, *ao* e *para* o mundo: o Cristo; Cristo totalmente revelado e vivido por Jesus de Nazaré, aquele ser biológico, nascido naquele cenário de um tempo de vivo de trinta e três anos que a história e a religião tanto se encarregam de nos proporcionar, na Vida que segue e prossegue até os fins do tempo; escatologia, repetimos, pois não custa repisar isso.

Pois bem: nesse cenário de sagrado e de profano, não há como se confundir aquele com este, ou seja, aquilo que é obra de Deus e o que é obra de sua criatura, enquanto uma individualidade dessa Vida que segue desde tanto tempo e que um dia terá fim; escatologia, haja repetição! Criatura que é Adão, feito de barro, em todos os tempos, que vivia, de início, num paraíso, mas tentando e conseguindo o conhecimento do bem e do mal, pela desobediência, caiu; vergonhosamente caiu. E

vem caindo numa constância de todos os dias desta Vida. Pois todos têm a marca de uma origem pecaminosa, advinda de uma desobediência inicial.

Deus, sendo amor, por meio de um homem, se revelou a este homem e este aos seus irmãos, a quem, na linha de uma aproximação discipular, já não somente os chamou, mas os teve como Filhos, assim como Filho ele é de Deus.

Todos quantos são Adãos, nascidos de mulher, no curso de vivos de uma Vida bendita, têm, desde sempre, o amor de Deus, carregado e residido no íntimo mais íntimo do seu ser interior, possibilitados a um nascimento novo; contudo, no curso da História dos homens-carne, só a partir daquela revelação feita ao ser humano de Jesus possibilitou a existência de uma consciência de novo nascimento; novo nascimento em que se nasce assim como o vento, que não sabe de onde vem, nem para onde vai, construindo-se, pois, um reino que não é deste mundo.

Portanto, eu não devo nem muito menos posso confundir o divino com o mundo e, em verdade inabalável e indestrutível, algo feito como pedra, como de pedra foram os mandamentos escritos e inscritos em pedra pelo dedo de Deus, eu não posso - vinha dizendo - confundir a divina possibilidade de criação, de geração de filhos que a união, qualquer que seja ela, de um homem com uma mulher ou de uma mulher com um homem pode redundar. Isso é inafastável para a Vida em seu curso, para possibilitar a presença dos vivos, que somos cada um de nós, no curso de todos os tempos. E essa união, na origem e na essência divina, sagrada, portanto, torna dois corpos como uma só carne. Homem nenhum, na face dessa terra, pode fazer isto. Pode até tentar uma aproximação, nessa tentativa de conhecer o código genético, de clonar um homem de outro homem, de material recolhido deste. Porém, de fazer gerar, só mesmo no processo construído de forma sagrada, por Deus; de um lado um espermatozoide e, de outro, um óvulo. Fora dessas duas condições, não há a geração de filhos, de Adãos feitos de barro, que foram e são feitos para terem um fim no pó de onde vieram.

Seja, todavia, a organização onde vivem os homens, os vivos desta Vida bendita, não mais aquela que resista, que se contraponha ao amor; pelo contrário, agora, com o Reino de Deus, que não é deste mundo, resiste a uma subsistência própria que não o pode fazer dependente de homem nenhum nem de mulher nenhuma. O que se processa, a partir do Cristo revelado em Jesus, é que o novo nascimento, aquele que, como o vento, não sabe de onde vem nem para onde vai, faz glorificado o Cristo; e Deus, em seu Reino, festeja esse crescimento que é dele, sobretudo, e dos homens-espíritos.

Sou, pois, sem presunção, como um *iniciando* na espiritualidade, já *cristificado* e, por isso, não me preocupa a religião ou a religiosidade e, nessa condição, como homem-carne, como um vivo desta Vida permitida por Deus, eu não me vejo comprometido em minha *crísticidade* que precisa sempre crescer e muito mais, eu não me vejo comprometido em minha *crísticidade* - dizia - pelo fato de, como indivíduo que o sou, atender aos princípios que são próprios e sadios a Instituições seculares, como as nossas, ditas democráticas de direito, em direito construídas sobre bases principiológicas, que me mandam e me comandam que eu evite comportamentos discriminatórios, quaisquer que sejam eles, seja no concernente à vida, à raça, à religião etc., porque, sendo *cristificado* e, portanto, muito mais do que cristão, eu não estaria desrespeitando a lei de Deus. Neste ponto, eu estou agindo e atuando consoante a lei dos homens e, segundo esta, como ponto de partida até mesmo natural, eu tenho que me pautar segundo o conforto e as condições conducentes à paz de uma sociedade. Logo, se a lei dos homens permite matar, como no caso do aborto, como no

caso da gravidez proveniente de estupro, como no caso do aborto eugênico, como no caso de decisões judiciais que permitem matar o feto anencefálico etc., eu tanto não posso, acerca de tudo isso, me postar como um *crístico*, mas como simples indivíduo. Também, se a lei dos homens normatiza o profano, em nada me compromete a *cristicidade* que hei alcançado até então, caso eu me deva postar retamente como um indivíduo perante essa mesma lei. Não devo interferir, como indivíduo, em assunto no qual o mundo secular normatiza, mesmo que o meu ponto de vista seja o decorrente de uma espiritualidade em grau por demais avançado, caso possa pertencer à *indimensão* homem-espírito que, por graça, me seja tornada possível.

Ah, essa *indimensão*, dela não nutro, como homem-carne, nenhuma partícula, sobretudo porque ela não é feita de partículas. Está-se, ou, melhor dizendo, se diz, em tal *indimensão*, mais propriamente, como um residido de Deus, como fruto do novo nascimento que ele, por seu amor, nos haja permitido, como se já não bastasse aquele amor decorrente de sua vontade de se humilhar para permitir que eu fosse carne neste mundo...

Logo, eu quero, sem poder discordar de nenhuma estrutura secular, dizer, ao mesmo tempo, que, como um vento que não sabe de onde vem nem para onde vai, resido em Deus na sua divina obra que me fez ser, existir, como um Adão, por sua vontade, por sua vez decorrente das vontades de *Milton* e de *Adelita*, meus biológicos pais, homem e mulher, e não poderiam outros seres do mundo materializar isso que sou, esse Adão que o sou, não por seus comandos, mas pelo comando de Deus que disse, em sua Palavra, que eles seriam, como foram, realmente, uma só carne procriadora!

Por mais, então, que, como dotado de uma postura *crística*, acerca da qual ninguém é autorizado a se autoproclamar assim, pois não passará de presunçoso, sei que, nessa e por essa via de crescimento, que não pertence aos sentidos do homem (visão, audição, gustação, olfato e tato, além da imaginação e da memória), nessa postura - vínhamos dizendo - quem quer que tenha a graça de alcançá-la, assume absorção de respeito e de acatamento, no plano sagrado, da sacratíssima condição divina, segundo a qual só há casamento entre um homem e uma mulher ou entre uma mulher e um homem, e de cujo consórcio geram-se filhos. Isto é divino e é sagrado e homem nenhum pode mudar a pétrea e férrea determinação divina que nela se contém. E então, em remate e sem ofensa contra ninguém, a estrutura secular, por mais que encontre agasalho na lei dos homens e nessa condição devendo ser respeitada, não passa de algo meramente profano; imutavelmente profano.

Mas o amor de Cristo, embora sem esgarçar a sacralidade, manda, no próprio terreno do profano, que nos amemos uns aos outros, para que assim possamos nos livrar das discriminações, condenáveis tanto no plano sagrado quanto no profano. Até mesmo naqueles casos em que o homem e uma mulher se juntam (acasalam-se, perdoem-me os leitores o modo de dizer), até mesmo nesses casos é o sagrado que se faz presente, quando daí decorrente um fruto. A organização social, institucional dos homens é que, na *profanidade* das suas condutas, se deixa radicalizar neles, tentando, ora menosprezar o sagrado, ora reconhecê-lo. Considere-se, a propósito, a evolução de nossa estrutura secular que, de início, fazia distinção entre diversos tipos de filiação (legítima, ilegítima, adulterina, incestuosa), sendo que, hoje, todos estão livres dessas distinções. Vê-se, nisso, o poderoso ingrediente do amor no novo nascimento em Cristo. Pois se mantém o sagrado como sagrado que ele é. No caso, entretanto, de qualquer estrutura secular, não tem como se reconhecer caráter sagrado, nem por decreto, mas, ainda assim, o amai-vos-uns-aos-outros no amor de Cristo

nos há de fazer tolerantes para abominarmos a nociva discriminação, como, aliás, assim já nos comanda a convivência que temos tido.

Vejo, então, com os (*meus?*) olhos de espírito, tantos frutos sagrados, filhos, necessariamente, de mulher e de homem também, despossuídos, em vida social, do aconchego e das atenções necessárias e fundamentais, tanto por parte da mãe, quanto por parte do pai sagrados, ainda que "ajuntados", não-casados. Na evolução social dos homens, porém, os (*meus?*) olhos de espírito festejam a também evolução *crística*, produzida em tantos corações desprendidos dos objetos e de si mesmos, em pias manifestações de abrigo e de acolhimento àqueles rejeitados por motivos tão variados. Então, o fruto sagrado encontra num mundo distante de uma *cristianização* e sim plenamente coroadado de uma *crísticidade* o curso da Vida que sempre há de ser vivida e bem vivida num clima de paz e de compreensão, mesmo que desenvolvido em cenário profano de relações, as quais tanto se fazem propícias ao verdadeiro amor e que fazem desse cenário a convivência social salutar entre os homens de um modo geral, como plataforma para a divina convivência nos Céus...

10

IDEOLOGIA DE GÊNERO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ideologia de gênero, inserida, ou não, no plano de ação de homens, quaisquer que sejam eles, como sendo uma orientação oficial, ou não, de não-intervenção na escolha, pelos que são guiados ou comandados, sejam eles pessoas em início de formação educacional, ou não, no puro aspecto da liberdade de opção de escolha pelo gênero (masculino/feminino), independentemente da realidade de fato que não deixa dúvida quanto ao ser, efetivamente, macho ou fêmea, homem ou mulher - eis uma questão acerca da qual se *pre-ocupam* e se *ocupam*, lamentavelmente, na seara religiosa, os que se postam como *Anás* e *Caifaz* (que são, ordinariamente, pretensiosos aprisionadores de Deus) e, também lamentavelmente, na linhagem civil, os que se sucedem como os *Herodes* e como os *Pilatos* (que são, ordinariamente, aprisionadores de homens, em tempos de guerras, por meio de armas de todos os tipos e, em tempos do que chamam de paz, pela imposição insuportável de imposto que bastava que fosse, naturalmente, a contragosto), todos personagens de carne deste mundo... de carne. É que aqueles que não se *pre-ocupam* com isso nem os que se *ocupam* disso são os que *trabalham a* e também os que *trabalham na* Oficina de *Deus*, de verdade, em espírito. Quanto a estes, o grau do crescimento *crístico* neles operado os faz não meros indivíduos indiferentes, como podem muitos pensar, mas sim indivíduos perfeitamente *ambientáveis* a um contexto social de muita paz e de muita tranquilidade, quando não já nele plenamente *ambientados*, contexto social esse no qual o amor verdadeiro não cede lugar a nenhum tipo de discriminação, mesmo nessas situações geradas pelo homem e, portanto, de cunho e de fundo radicalmente profanizado, como, enfim, assim se assume a ideologia em causa.

É preciso *ser*, estando, destarte, muito além do *ter*, para que se possa capacitar à abstração de *pre-ocupação* ou de *ocupação*, na dita seara e na mencionada linhagem, respectivamente. Os que se enlameiam no *ter* são, verdadeiramente, ou *Anás* ou *Caifaz* ou *Herodes* ou *Pilatos*. E são, ainda, se não bastarem os personagens já arrolados como parâmetros, os *Judas*, aqueles que traem ou os *Pedros*, aqueles que negam ou os *Joãos* e os *Tiagos*, aqueles que ainda se envolvem com os "*trovões*" de suas pretensões pessoais...

Só mesmo a pertença eminentemente material, em carne, a um organismo humano, quer na seara religiosa, quer na linhagem civil (e na militar, também) compromete o homem e a mulher por viverem um mero *status* cristão decorrente de uma *cristianização*, quando, pelo certo, sem fugir dessa pertença, desde que suavizada pelo desapego, eles podiam, pela própria carne, mas em espírito e no espírito nela residido, não se *pre-ocuparem* nem se *ocuparem* com o que possa advir dessa ideologia.

Não há intervenção humana, nem em termos religiosos, nem civis, que tenha o condão de interferir na lei moral de *Deus* (os Dez Mandamentos, livro de Êxodo, Capítulo 20, versículos 1 a 17), mas na lei cerimonial, sim (vide versículos 24, 25 e 26 do Capítulo 31 do livro de Deuteronômio). Esta, como se sabe, foi escrita em livro, por *Moisés*, enquanto aquela foi escrita pelo dedo de *Deus*, em pedra e é, portanto, imutável. Por isso, o aspecto cerimonial de uma ideologia está *pari passu* com a lei cerimonial, escrita pelo homem, sendo, por isso, modificável, no curso do tempo, justamente por ser *profanizável*, em escala crescente, como assim, num sentido

contrário, em escala decrescente, a um estágio de menor grau de *profanização*. Com a lei moral, por ter sido escrita na pedra, isso não se dá. Então, se o homem e a mulher ultrapassam a carne e nela e por ela, em espírito, vivem a tranquilidade da paz e da harmonia numa convivência ainda que profana, dir-se-á que eles, necessariamente, são *nascidos de novo*, ou seja, são alvos dos efeitos inabaláveis e imutáveis do espírito, pois alcançaram a possibilidade de verem o invisível e de acreditarem no impossível e, nestas condições, passaram a superar choques *conviviais*, como são exemplos os que se flagram, constantemente, entre negros e brancos, entre crentes e ateus, entre nacionais e estrangeiros, entre ricos e pobres, entre uniões *homo* ou *heteroafetivas*, estas últimas, por sinal, como sendo a questão que nos trouxe até aqui neste modesto texto de interessante contexto. Aliás, quanto a estas, precisamente, a criação de Deus fez *ex-istir* o homem e foi de modo tal que ele como homem e como imagem de Deus se apresentassem como macho e como fêmea (vide versículo 27, parte final, do Capítulo 1 do livro de Gênesis), ressaltando, destarte, o tanto de uma porção macho e o tanto de uma porção fêmea, tudo isso em relação ao homem como gênero, gênero do qual viria resultar, depois, a espécie inclinada a procriar, na mescla necessária de uma porção macho com uma porção fêmea. Este aspecto criacional, se nunca pode ser alterado para o fim procriador, encontra na lei de cerimônia, nalguns casos, a atração em polos iguais que a lei cerimonial escrita pelo homem Moisés, por sua vez, encontra no amor de Jesus, unicamente, o caminho para um aperfeiçoamento dessa lei. E, ainda, como diz o Gênesis, depois de criado o homem, sendo a mulher parte deste, de uma costela, no versículo 24 do Capítulo 2 do livro de Gênesis, tendo dito "*Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher; e serão ambos uma carne*", ainda assim o amor de Jesus não encontra motivo de condenação, quando a atração se desvia para polos não-procriadores. É que aquele homem criado, como macho e como fêmea, posto num jardim de delícia, o Éden, feito de barro, sendo alma vivente, mediante o sopro de Deus, nele remanesce, embora de si mesmo separado, em mulher, a porção fêmea. Daí a consciência necessária acerca desse pano de fundo, painel de uma criação no qual a lei cerimonial pode variar entre profano, mais profano e menos profano, tudo isso amorosamente.

Pretensioso o sou, pois, em anelar que o leitor e a leitora *passem* em suas carnes com o *novo nascimento* em espírito nelas residido e *possam* aninhar a paz e a tranquilidade social para o cerimonial mudado no plano profano, com homem e outro homem se tornando uma só carne, com mulher e outra mulher, também, se tornando uma só carne, aspectos cerimoniais estes que, muito embora de efeitos aparentemente deletérios, não têm o condão de alterar a realidade de fundo de quem é macho e fêmea, por exemplo, assim deverem continuar sendo macho e fêmea, reprodutor, reprodutora, imutáveis, durante as suas existências de vida (vide versículo 27, parte final, do Capítulo 1, de livro de Gênesis), porque a mudança dessa lei de cerimônia, se não de todo substituta da lei do livro de *Moisés*, foi *aperfeiçoada* pela vertente do amor pregado e vivido e aplicado por *Jesus de Nazaré* que, em face desse amor, conseguiu vencer o mundo, tornando-se uno, por *Cristo* e em *crística* vivência com o *Pai* e que, sem nenhuma referência tumular, conseguiu continuar vivo ainda entre nós e para o sempre do eterno e do sem-limites do infinito.

Logo, apenas os *crísticos*, aqueles que alcançaram e persistem crescendo num verdadeiro grau de espiritualidade, em carne mas por espírito e em espírito, se exibem desvinculados das *pre-ocupações* e das *ocupações* decorrentes da novel ideologia, porque vivem e convivem com o amor da melhor das consciências, semelhante àquele amor mediante o qual o *Divino Mestre* perdoou a Samaritana, podendo ser classificados, destarte, como os santos operários da *Divina Oficina de Deus*.

11

SOBRE O VINHO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Levítico, 10:

8 E falou o Senhor a Arão, dizendo:

9 Vinho ou bebida forte tu e teus filhos contigo não bebereis, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações,

10 para fazer diferença entre o santo e o profano e entre o imundo e o limpo.

Provérbios, 20:

1 O vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; e todo aquele que neles errar (se demorar) nunca será sábio.

Provérbios, 23:

29 Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as pelejas? Para quem, as queixas? Para quem, as feridas sem causa? E para quem, os olhos vermelhos?

30 Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando bebida misturada.

31 Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoa suavemente.

32 No seu fim, morderá como a cobra e, como o basilisco, picará.

I Coríntios, 10, 31

Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus.

I Timóteo, 3:

8 Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância.

I Timóteo, 5:

23 Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades.

Vemos logo, a propósito da magna questão sobre ser certo ou errado ingerir bebida alcoólica, que o vinho é escarnecedor (Provérbios, 20, 1); contudo ele assim o é apenas para aquele que nele se demora, ou seja, aqueles que exageram na sua ingestão. Isso está claro como a luz do dia. Assim, dentro desse ato de normatizar a moderação, a Bíblia não pode ser tachada de contraditória ao dizer,

em I Timóteo 5, 23, que não se deve só tomar água, mas um pouco de vinho faz bem por conta de nossas indisposições e enfermidades. É exagero, pois, dizer que é condenável a ingestão do vinho alcoólico. É que há os que defendem que o vinho a que se refere a Bíblia e que é tomado pelas pessoas inseridas em seus diversos textos e contextos seria verdadeiro suco da uva. Sendo assim, o vinho produzido miraculosamente por Jesus no casamento em Caná da Galileia, por exemplo, não teria sido vinho alcoólico, mas puro suco de uva. Mas veja-se que esse contexto de Caná é um contexto de festa, de alegria, muita alegria. E por se estar numa festa, um lugar próprio de alegria, não é condenável que se termine entregue a algum torpor, desde que este não torne a pessoa vítima de escarnecimento dos outros e do próprio vinho, a ponto de ficar caindo de um lado para o outro, pois esta é a situação do beberão, como se costuma dizer. A festa, pois, era a decorrente da celebração de um casamento, em Caná, tipo de festa, pois, onde naturalmente se celebra a alegria e esta era representada pelo vinho, que terminou faltando. Sendo Jesus, mesmo naquela fase inicial do seu público ministério, o Cristo manifestado, assim não só chamado mas efetivado perante Deus, cometeu o que seria o primeiro dos seus milagres, a transformação da água em vinho, em vinho alcoólico da melhor qualidade, sim. Disso não se há de ter dúvida, pois assim nos autoriza o texto e o contexto.

Então, ao invés de o vinho escarnecer (sem que este perca o seu real e natural poder de escarnecedor), escarneça você mesmo, leitor, em espírito, evidentemente, escarneça do vinho. Não deixe de bebê-lo, ou mesmo o deixe, em definitivo. Pois pergunte, sempre, sabiamente, a você mesmo, às suas condições pessoais, físicas, emocionais. Se estas são do tipo que não suportam o vinho, mesmo que seja na porção de uma gota, deixe-o com o seu poder escarnecedor, lá no canto dele bem quieto, e, em espírito, permaneça vivendo em estado de novo nascimento, de homem novo, escarnecendo dele, ou seja, do vinho. Se, todavia, o (seu?) novo nascimento lhe indica e lhe assegura certo domínio sobre aquele escarnecedor, vá com ele até o ponto em que o torpor que ele lhe possa causar não lhe traga desequilíbrio nos atos e nas ações das coisas do mundo. É claro, então, que nunca você deveria, em sacerdócio Levítico ou Davídico, provocá-lo, nos momentos e nas ocasiões em que você estivesse celebrando, em profecia, sua íntima relação, em espírito, com a Divindade. Veja-se o que está posto em Levítico, 10, 8 a 10, mesmo ao tempo em que Arão era Arão e não ainda Aarão sacerdote. Sim, pois isso se dá no plano da santidade, sendo que a Divindade santa se oferece assim àqueles que, em espírito, se demoram em viver o estado verdadeiro do (seu?) novo nascimento, que é aquele em que, como o vento, não deixa certo o indivíduo sobre a sua procedência nem o seu destino. Porém, em sacerdócio de Cristo-Jesus, o equilíbrio é outro, a ponto de não se ter submissão a radicalismo nenhum; tanto que o próprio Jesus, ao instituir a Eucaristia, associou-a assim ao pão quanto ao vinho, ainda que simbolicamente representando e celebrando com ambos a sua memória, e nada mais além disto.

Portanto, nessa ordem de consideração, livre se estará de radicalismos, pois estes nunca podem levar a lugar seguro nenhum. Aliás, o astuto Paulo, em espírito, por certo, embora falando e tratando das coisas da terra, na sua *interlocução* com Timóteo, soube como bem escarnecer do vinho, dizendo para aquele seu caríssimo irmão, ante dificuldade física da saúde dele, que ele não bebesse só água, pois um pouco de vinho seria bom, por causa e para a cura de seu estômago e de suas enfermidades.

Então, tão certo como $2 + 2$ podem somar 5, isto em sede de espiritualidade de uma celestial *matemática*, eu digo, com Paulo e com Salomão, ou vice-versa, que devo e devem todos realmente se abster do vinho; mas, na matemática de todos os nossos dias de pés no chão, onde $2 + 2$ só podem somar quatro, o estado de quem é nascido de novo facilita a noção exata para podermos

escarnecer daquele natural escarnecedor... tal como no aconselhamento de Paulo a Timóteo acima referido.

Enfim, não se há de temer, ante tais ilações, que a carne possa estar sendo usada pelo Cafute, em sua terrível estratégia de se manter pretensioso quanto a uma incansável oposição ao divino, santo e imutável querer de Deus; é que o sacerdócio do Cristo-Jesus não permite espaço para suas estripulias - tenha intensa e permanente consciência e vivência disto, distinto leitor, prudentíssima leitora.

12

VINDE A MIM

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Mateus, 11

28 Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.

Apercebam-se todos quantos de vocês estão cansados e oprimidos, apercebam-se - dizíamos - do Cristo que é em vocês e esse mesmo Cristo os aliviará. Tomem sobre os ombros de vocês mesmos a sua canga, ficando, destarte, sabedores de que o Cristo é manso e humilde de coração. Nesse ambiente, as suas almas encontrarão descanso e tudo isso porque a sua (dele) canga é suave e o seu (dele) peso é leve... Só não posso pedir que disso tudo se aperceba quem não está cansado nem oprimido; é que estes já carregam sobre os seus ombros a canga e o fardo e sabem já que aquela é suave e este é leve. Portanto, não venham a mim todos, mas, sim, somente aqueles apenas que estão cansados e oprimidos. Está muito claro isso, no dizer do evangelista, que é o dizer de Cristo-Jesus. Aqui, então, a diferença entre justos e injustos. Aqueles, os justos, já estão justificados, por se inteirarem de uma canga e de um fardo, tendo-os como suave (a canga) e leve (o fardo); estes, os injustos, são os ainda não justificados, porque se sentem cansados e oprimidos por não se inteirarem dessa canga e dessa carga como sendo suave e leve respectivamente. Então, Cristo é única porta mediante a qual o ainda não-justificado se pode justificar. O justificado é aquele nascido de novo, em espírito. O ainda não-justificado é aquela carne cujo Eu nela subjacente, residente não mereceu a porta aberta, em consciência, em espírito, quanto a ser o Cristo unicamente o que pode permitir essa justificação. Jesus, nascido de novo, em espírito, justificou-se perante a Divindade, o Eu nele operante e operado é de tal modo consequente que se antecipou ao escatológico, tornado ressurrecta a sua carne, vivendo hoje e para sempre, eternamente. Assim, ele, em carne viva é e continuará sempre sendo porta, mediante a qual exclusivamente todo Adão caído, por meio da obediência do amar a Deus sobre tudo e sobre todos e ao próximo como a si mesmo e a si em dimensão de espírito sobrelevando-se à carne fez o homem recuperado da queda vergonhosa no Éden, queda que é genérica a todo aquele nascido de mulher, mas não a é àqueles nascidos em espírito.

13

EU MINDINHO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Eu sempre fui o menor de todos. E, um dia, em meio às dificuldades que, vezes por outras, se nos deparam, achei de adiantar-me aos meus irmãos maiores e poderosos, mais do que eu, é claro, e procurei em mim a força que eu não tinha. Para surpresa minha, a lata de tinta, com alça de arame um tanto fino, quase entrava na minha carne, porém eu fui capaz de retê-la. Quando me pareceu não ser capaz de sustentá-la por breve tempo, este foi passando, foi passando e o certo é que, agora mesmo, eu ainda a tenho dominada pela força dos meus músculos másculos. Ah, lata de tinta, agora eu sei que podem ser tantas as cores do teu peso para mim, mas não te importes com isso, não temas e nem receies nada, tu estarás segura comigo, não duvides disso. Não sinto nem dor nem cansaço, nada que possa te levar a qualquer risco e que te faças esparramar no chão de minha vida de dedo pequeno. Vou assim experimentando essa fortaleza que descobri em mim. Vou alimentando a satisfação de ver meus irmãos olhando atônitos para mim. Aquele que é meu vizinho, que vive mais perto e a todo o tempo se esfregando em mim, todo enfeitado com anéis e alianças, delicado que só ele, ri-se de mim, dizendo que vou terminar capitulando e deixando que tu, ó lata, caias ao chão e se esparrame aquela tinta do desenho de nossas diárias pretensões. Vejo, também, que o tal dedão, o mais distante de mim, tido e havido como o "bamba" da garra poderosa, teima em se encostar em mim como se ele me fosse o socorro natural e necessário. Ah, estou contente e feliz, muito feliz, porque venho suportando a lata de tinta que já me deixa confiante, revelando-se ela toda cheia não só de tinta mas da coragem assumida em ver-se sustentada por mim, eu que de fato sou tão frágil e reconhecidamente mindinho. Aos outros, ou seja, ao grandalhão, este me provoca vertigem pela altura que tem, enquanto o insistente indicador acusa-me da minha teimosia, sem cessar. Sou franco em dizer que era preciso, um dia, um tal desafio acontecer, porque de pequeno já estava eu enfadado e já quase recolhendo-me a um insignificância incômoda. Mas, por certo, o incômodo desse complexo eu o já tenho por combatido e, agora, o que me incomoda mesmo é ver que a coitada da lata de tinta eu a não consegui reter mais na curva do meu poder e vejo que, se não fora o socorro dos meus fraternos irmãos, ela já entraria nesta estória como a lata da tinta esparramada ao chão de nossas decepções da vida. Enfim, tudo aconteceu de uma forma inusitada, porém tudo terminando bem, principalmente ante a minha "mindinha" dimensão, já que socorrido em tempo hábil pelos meus fraternos e solidários e amorosos irmãos de todas as mãos...

Esse pequeno enredo do mundo dos dedos, assimila-o, tomado de contentamento, o Eu-Divino neles residente, face ao amor com o qual, indubitavelmente, esse devotado mindinho se ama primeiro e necessariamente a si mesmo, como preliminar do amor com o qual se derrama para com os seus iguais, estuário, enfim, do amor que sabe dever a Deus mais do que a ele mesmo.

14***PLANTAR E COLHER NÃO SÓ PARA SI...***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O plantio, qualquer que seja ele, é livre. Você pode plantar ou não plantar. Você pode não plantar a semente que tem em suas mãos, à sua disposição. Guardá-la, escondê-la, ou mesmo atirá-la fora, até mesmo com o malvado cuidado de destruí-la, para que não venha a germinar nalgum terreno. Você, porém, pode plantá-la, mas só plantar não basta, pois é preciso que você sempre conte com o melhor terreno. Você pode escolher entre plantar de dia ou de noite. Você pode plantar na terra como pode plantar no coração. Você tem de se acercar da certeza de que planta semente sua e não semente alheia. E, ainda mais, de preferência, assim como Deus que tanto semeou e continua semeando, você semeia, você planta, podendo até colher, porém sempre cuidando que o principal ceifeiro não seja você mesmo. Realmente, então, o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória. E essa obrigatoriedade ela é radicalmente positiva quando ela recai em ceifeiros que não sejam você mesmo, sobretudo quando a semente é boa e quando o terreno é bom e os frutos não poderiam jamais deixar de ser bons. O plantio é livre; a colheita, porém, é obrigatória, não custa repetir. Portanto, a zona de liberdade do livre arbítrio o faz o plantador ou aquele de mão posta na semente, sua ou de outrem, retendo-a, para que, não semeada, não venha a germinar nem mesmo para si próprio. E eu sei que neste mundo há de tudo; dos que plantam e dos que não plantam de maneira nenhuma. Cada um deles é juiz de si próprio sobre o motivo dessa sua determinação. No fim das contas, não se cobre de Deus, que é graça, mas que também é justiça. Já lhe basta o mundo por si mesmo plantado e do qual somos ceifeiros durante todos os dias. E os campos do mundo já estão brancos, ou seja, com os frutos maduros para a colheita. Colheita de frutos bons. Colheita de frutos maus. Ah, e, em meio a tudo isso, há, ainda, os que se determinam a plantar, mas plantar mal. Que triste isso! Fazem com que as colheitas lhe sejam pesadas e mais pesadas, ainda. Quem planta, colhe e feliz é aquele que colhe o bom fruto de sua semeadura, alegre de ver em seu derredor que tantos outros ceifeiros se alimentam dos frutos bons de sua plantação!

15

**ETERNO E INFINITO QUE ETERNIZAM
E QUE "INFINITIZAM" A CARNE**

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Jesus, em espírito, no deserto, foi tentado por *Satanás*, quando este assim lhe disse: ***transforma estas pedras em pão***, ao que *Jesus*, sempre *em espírito*, respondeu: ***não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*** (v. Evangelho de Mateus, 1, 4).

O mal, sob a denominação de *Lúcifer, Satanás, Diabo, Dianho, Capeta, Cafute* etc. só tenta quem é do mundo. *Deus* não é do mundo, mas criador do mundo, conquanto nele seja imanente. *Jesus* é que era do mundo. Ele sim é quem foi tentado. Ele, porém, estava no deserto, em espírito, condições nas quais, em espírito, se é veículo, se é o elo comunicador com *Deus* e se é propriamente *Deus*. Foi assim, em espírito, no deserto, que a sua carne recebeu a tentação de *Satanás*, carne essa que precisava de sustento, sustento esse representado no pão. Então, a circunstância retromencionada era a de uma fome e a de uma sede de quarenta dias e de quarenta noites, por conseguinte fome e sede muito grandes. Mas o espírito que é sempre pronto, falou pelos lábios de *Jesus* (carne fraca que fora, mas que já não mais era simplesmente fraca), para dizer e contrariar o *Cafute*, em manifestação não-vibratória de uma corrente de ar saindo ***por*** ou ***de*** uma garganta, porque, se era em espírito que ele estava, fazia um soprar que não se confunde com o soprar físico do vento, mas a isso se assemelhando, apenas. O espírito que é sempre pronto - dizíamos - falou do alimento que alimenta o espírito em espírito: ***o homem (espírito) vive de toda a palavra que sai da boca de Deus***. Então, esse alimento é palavra (de *Deus*), mais precisamente aquela palavra que, se não sai própria e fisicamente da boca de quem não a tem (boca), no entanto, em espírito, ela sai como condição moral de uma libertação (*falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão - Êxodo, 20, 1 e 2*)), libertação essa bem continuada, por justiça, por várias imposições (justas) contra aquele que caiu, pela carne (v. *Êxodo, 20, 3 a 17*). É justamente essa palavra, em código moral, concomitante, que se confundia com os próprios *fiats*, a exemplo do primeiro de todos eles, o *fiat lux*, (faça-se a luz), presente e atuante na criação e, portanto, extensiva e aplicável a qualquer ser nascido de mulher, independentemente de nacionalidade, Palavra codificada, ao depois, pelo dedo de Deus, em tábuas de pedras e entregues a Moisés, relatando como deve ser o relacionamento entre Deus e os homens e vice-versa (*Êxodo, 20, 3 a 11*) e como deve ser o relacionamento do homem com o seu semelhante (*Êxodo, 20, 12 a 17*).

O antes do *fiat lux, fiat*, pois, que é princípio dotado de uma continuidade, que tem um fim chamado escatologia, consubstancia o centro-essencial-lucífero (não confundir com lucíferico, de *Lúcifer*) e se contrapõe até o mais diluído processo de sua transformação de *fiat lux* em *ex-istencial-periférico*. Neste *ex-istencial-periférico*, como a carne de qualquer nascido de mulher, estava a de *Jesus de Nazaré*. Os (seus?) olhos de espírito, entretanto, no deserto, em espírito, dialogava com o maligno do mundo, que é cego de espírito, e só enxerga o imediatismo do que é *ex-istencial-periférico*, tanto que se aproveitou de uma circunstância mesmo de espírito e em espírito, de uma fome e de uma sede, para falar de pão, alimento sólido de uma luz *ex-istencial-periférica*, quando o processo, em deserto, de uma carne, como a de *Jesus*, já obtivera a Revelação de um novel nascer, diferente daquele ocorrido, com ele, em uma manjedoura; nascimento novo que, tal qual ocorre com

o vento físico, faz do nascido um não-sabedor acerca de onde vem, nem para onde vai, só sabendo mesmo que é soprado e que sopra também com a força do "vento" que, de graça, se recebe, em imorredoura constância.

Então, de um lado, a corrente de ar vibratória de um ser com o poder de fala, provado em situação de dificuldade (*rebeldia*), com o registro cronométrico de quarenta dias e de quarenta noites, sem comer, sem beber, com uma fome evidentemente insuportável, somente poderia suplantar essa dificuldade (*rebeldia*), mediante um poder não-natural; contudo, sem deixar de ser veículo de carne, mas em deserto e em espírito, não excluiu a necessidade do pão do seu sustento, enquanto carne que assim veiculava, em espírito, a palavra que era alimento deste. Assim, estava assente, por ele, pelo instrumento de carne do veículo que ela era, a necessidade do pão, para o seu sustento. A situação era em deserto e era em espírito, mas correspondia à situação real de carne num deserto tomado de pedras, ali onde se detivera *Jesus* por longos quarenta dias físicos e por também longas quarenta noites físicas. Foi a palavra, não qualquer palavra, mas a de *Deus*, quem levou a carne de *Jesus* a suplantar a adversidade em a qual se viu envolvido, por um querer, por uma espontaneidade dele, acontecida logo em seguida ao seu *Batismo*, por *João Batista*, no Rio Jordão, *Batismo* a partir do qual foi se evoluindo, em espírito, sempre e cada vez mais, durante a sua passagem (*Páscoa*), de trinta e três anos de duração. Com a sua resposta, melhor dizendo, o *Eu-Divino* nele operante e bem operado deixou o *Dianho* contrariado. O lado carne de *Jesus* disse: ***nem só de pão vive o homem***, homem que ele o era; enquanto o *Eu-Divino* lhe ditava a palavra sem sopro de ar nenhum, mas de vento não-físico de quem quer que seja um novo nascido em espírito, como ele o foi: ***o homem (espírito) vive de toda a palavra que sai da boca de Deus***.

Aquele homem-carne, cuja garganta deixou passar o fluxo de ar que vibrou cordas vocais em pronúncia de palavras, algo audível, portanto, se transformou, por completo, de um ser mortal em ser imortal, de uma eternidade e de uma *infinitude*... sem adjetivações, como, aliás, assim devem ser essas expressões que pertencem a uma *indimensão* do duradouro (do eterno) e do sem-limites (do infinito), de modo tal que, ainda hoje, ele vive, em espírito, e, por ser vivo, em espírito, pelo processo da transformação ao somido da última trombeta, processou a antecipação da escatologia, no caso dele, culminando no ser de carne, até o presente, sem nenhuma referência tumular.

Então, de uma boca, que não é boca (de *Deus*), propriamente, sai, num sair que não é dinâmico, por ser do centro-essencial, sai - dizíamos - a palavra, palavra que é o verbo, verbo este que se fez carne, por amor, numa patente auto-humilhação de *Deus* que se exprime e se expande pelo *ex-istencial*-periférico, neste se incluindo, então, a realidade sonora da palavra que sai efetivamente da boca de um homem (*Jesus*).

E, sendo assim, qual via de mão dupla, assente ficou para o *Dianho* que, embora patente a situação de domínio, quando se está em espírito, ele *Dianho*, mesmo assim, teima e insiste em continuar tentando a carne, assente ficou para ele - assim dizíamos, que tanto se há de ter ocupação na busca do pão, alimento do corpo, como assim da palavra que é mesmo o próprio verbo, aquele que é o *Cristo*, o qual, inclusive, foi antes que *Abraão* tivesse sido... Uma palavra, como verbo, que, como culminância da razão divina, que é o amor, se expressa numa constância imperturbável, pois é criadora, tanto como *Deus*, pois integra a *Trindade*, sendo o *Cristo*, *Filho Unigênito* do mesmo *Deus Trino*, portanto eterno (de uma duração ilimitada) e infinito (de uma extensão sem-limites).

Por isso, ainda hoje, o homem claudica, em religião (de *re-ligare*, religar), quando, pela carne, quais verdadeiros *Anás* ou *Caifaz*, se tornam pretensiosos aprisionadores de *Deus* e na esteira

natural dessa pretensão, quais verdadeiros *Herodes ou Pilatos*, se tornam efetivos aprisionadores dos homens, seja em tempo de guerra, com as armas (de todos os tipos de armas), seja em tempo de paz, com imposições a contragosto, que tem o nome de imposto. *Jesus* não foi jamais um desses tantos e incontáveis pretensiosos, pois não claudicou na re-ligação com *Deus*, processando, em espírito, sempre e em primeiro e insubstituível lugar, o poder divino, que é resultante, na carne, como na dele, na distância dessas tais pretensões de fundo e de condições meramente humanas, muito embora sem delas fugir e se refugiar em mera postura meditativa, mas ficando junto a esses homens, como sendo o maior dos seus *terapeutas*, sem, com isso, perder o seu equilíbrio cósmico e eterno e infinito e... divino!

16

SÓ HÁ TENTACÃO NOS LIMITES DE CARNE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Aquele representante do gênero hominal, do curso da História, já com o tempo de milênios passados, que atendia pelo nome de Jesus, teve a sua carne nascida em Belém da Judeia, pertencendo ao seio de uma família muito religiosa, a qual "*transpirava*" o momento político, social e religioso de sua época, situações estas (a religiosa, sobretudo, pois plenamente dominada por um messianismo de salvação nacional) situações estas - dizíamos - a que se submeteram os personagens que o envolveram, sendo exemplos destes os seus pais biológicos, os seus irmãos, os seus discípulos, os que encarnavam as autoridades políticas, religiosas, todos, enfim; menos ele, pois ele foi um insubmisso a tais situações. Todos tiveram suas passagens (páscoas, com p minúsculo mesmo), sem se darem conta de que as passaram com Deus (como nunca ninguém pode deixar de passá-las sem ele), no caso deles, entretanto, na condição de meros pretensiosos que conjugavam uma intimidade com Deus como se fosse essa intimidade uma propriedade e uma posse deles. Somente Jesus teve a (sua?) Páscoa em fidelidade máxima com Deus e, ainda assim, nunca superada por ninguém; tanto que, pelo somido da última trombeta, ressurgiu, mesmo estando, como estava, em vida biológica, ressurgiu - dizíamos - da morte voluntária e obsequiosa das ilusões do mundo, antecipando-se, destarte, o seu lado carne, ao eclodir escatológico, conquanto mãos e olhos de carne dos seus circunstantes (familiares ou não) lhe tenham impingido, da parte de uns, o sacrifício de morte em cruz de madeira e, da parte de outros, a absorção desse sacrifício de morte como sendo necessária, para Deus. Foram eles, destarte, os pretensiosos que se creditaram uma santidade, simplesmente (seus familiares, seus discípulos), e outros os que, além de assim se haverem creditado, os que agiram sem escrúpulos, quanto à obtenção do proveito de um sustento que os sossegava quanto a um menor esforço para a obtenção do pão de cada dia... Estes foram, precisamente, os Anás e os Caifaz, do ponto de vista de uma religião com Deus, e que os são também ainda na atualidade os mesmos que povoam as instituições ditas como tais; mas há também aqueles que se postaram como verdadeiros Herodes e como os também verdadeiros Pilatos de ontem, como os de hoje, igualmente. E o autor deste escrito não ilude nem se ilude quanto a guardar também consigo essas características de limites, até onde exatamente podem ir as tentações. Sim, todos os contemporâneos e todos os circunstantes do filho de José e de Maria foram, como ainda hoje são tantos os pretensiosos de um aprisionamento de Deus, foram - dizíamos - de um lado, os que se acharam santificados na carne, simplesmente, e os que assim se conduziram, porém indo muito além, no proveito obtido, seja dos dízimos, pelos Anás e pelos Caifaz, seja pelas armas de todos os tipos, dos Herodes e dos Pilatos, em tempos de guerras, seja pelos tributos impostos por estes personagens, em tempos de paz. Assim, todos quantos se creditam uma santidade simplesmente, como assim, e muito pior ainda, todos quantos assim se creditam, mas numa condição de Anás ou de Caifás, de Herodes ou de Pilatos são e foram os que se submetem à prisão dos limites de carne e, por isso, sendo sujeitos, inevitavelmente, às tentações. Ainda bem que, dentro deste limite, nenhum homem, nenhuma mulher pode ter como insuportável a carga tentadora de Satanás. E até que eles vêm suportando essa carga no curso do tempo, o que, entretanto, é pouco ou nada em relação à potência impotente de qualquer física ou de qualquer química ou de qualquer ética em poder deter a ação do mal. Essa detenção, só em espírito e em cenário de deserto de uma rebeldia é que pode impor a insubmissão às situações sociais, políticas e religiosas, como assim aconteceu em relação à carne de Jesus de Nazaré. Foi, portanto, no limite de sua carne que Jesus de

Nazaré suportou as tentações que lhe foram impostas pelo mal de Satanás, mal esse bem estampado nas três famosíssimas tentações (v. Mateus, 4, 1 a 10), a primeira, a de que ele, esfomeado e sedento, após quarenta dias e após quarenta noites, sem comer e sem beber, foi instado a transformar as pedras do seu deserto em pão; a segunda, a de que, colocado no pináculo do templo, poderia lançar-se abaixo, pois poderia ordenar que seus anjos o socorressem; e, a terceira, a de tê-lo feito subir a um monte bem alto, mostrando os reinos do mundo e a glória destes, dizendo que os daria todos a Jesus, se ele adorasse a Satanás. Todas essas tentações, nenhuma delas suplantou os limites da carne e dentro de tais limites, pelas portas dos conhecimentos instintivo e intelectual, podê-las-ia Jesus, por uma determinação férrea, suplantá-las. E essa reação não desapontaria a Satanás, porque, simplesmente, o jogo de força estaria operando ao nível de sua influência, que é patente no mundo, mesmo sem que ele seja onipresente, nem onipotente, nem onisciente. O que produziu a grande decepção em Satanás foi e é ainda nos dias atuais a postura de rebeldia, em deserto, de um nascer de novo de quem, qual um vento que não sabe de onde vem nem para onde vai, suplanta não somente essas tentações, mas produz imunização definitiva e para além dos limites do mundo; em espírito, pois, e no deserto, se fere em definitivo a cabeça da serpente, que é Satanás, pouco importando que ele continue nos ferindo o calcanhar. E, enfim, vale é a certeza do absoluto do eterno e do infinito, que domina a carne em intuitiva postura de uma alta fidelidade com Deus, a ponto de, seguramente, se poder verbalizar que o Eu-divino residido na carne e o próprio Deus são uma unidade, um centro-essencial de condição estática, tendo este centro-essencial, no contraponto, a dinâmica da *ex-istencial* e periférica experiência de uma ingloria do mundo...

17

SÓ EM ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Esqueço e, ao dizer ou teclar ou falar o vocábulo esqueço, já torno de tudo e em tudo esquecida a importância de espírito que, em espírito, encontrou a vestimenta gráfica das letras formadoras das palavras que, agora, eu e vocês, leitores e leitoras, as vemos, as lemos, as constatamos. Esse caminho do mundo real é necessário e insubstituível. Esqueço aquilo que passou ao concreto de um mundo que conheço e do próprio mundo que se faz conhecer. Reconheço, assim, o esquecimento que é impossível me desfazer dele, porquanto já traduzido em realidade, na fricção elementar de uma presença.

Pouco me importa que achem que eu disse tudo isso para dizer nada, pois foi exatamente o nada do espírito que eu quis enfatizar, como se fosse necessária essa ênfase para que o espírito fosse. Na verdade, certo seria dizer que ele não fosse como não é de verdade. Contudo, em espírito de uma tamanha e indizível *indimensão*, ele espírito encontra em cada deserto de rebeldia o lugar que jamais pode ser um lugar geográfico, pois ele não tem como ser situado, sendo em vão lhe indicar um norte ou um sul ou um leste ou um oeste.

Tudo, então, quanto ficou dito neste texto prova e comprova que o uso da razão e da inteligência, como assim faz agora o autor, propicia uma materialização, ainda que de simples palavras, como estas, por mais que se tencione dizer que algo é de espírito e em espírito. É que o que possa ser de espírito em espírito por si mesmo é espírito em espírito, independentemente do que resulte pronunciado.

Quando Jesus de Nazaré, após batizado no rio Jordão, foi ao deserto, em espírito, o simples dizer do evangelista materializou o que não pode ser material. E o "Só em espírito", que encima este texto como seu título, procura indicar uma exclusividade de espírito que não se subordina a uma tal proclamação para que assim seja, porque, enfim, ele não é e, embora não sendo, pereniza-se em matéria que, de uma importância acidental, se torna, por *misterium tremendum*, em essencial centro-estático, aquele mesmo centro-estático que, por amor, se rebaixou à humildade do *ex-istir*, inclusive do *ex-istir* deste texto que vocês agora leem, meus caros leitores e minhas caras leitoras.

Portanto, a performance do espírito em espírito e em deserto de rebeldia põe e dispõe de um Não-Ser poderoso que provoca, em via reflexa, uma materialização, sem perder nem comprometer o indizível e imensurável do seu eterno (duradouro) e do seu infinito (sem-limite) modos de não-ser, como assim não é poderosa a nunca e jamais apreensível Divindade, por parte da frágil capacidade hominal.

Cuide-se, pois, de nunca se dissociar o Jesus humano do Eu-divino nele residido e nascido de novo, portanto nascido em espírito, o que produziu, enfim, uma capacidade que nele aflorou por espírito; aflorou, aliás, é flexão verbal em indicativo de um modo, em perfeito de um pretérito e numa pessoa de gramática, todos, em tudo e por tudo, impróprios para o **Jesus-já-tornado-Cristo** ou para o **Cristo-já-assumido-em-Jesus**, porquanto o em espírito referido pelo evangelista, mesmo

produzindo o material de uma presença de mundo, dificulta, mas não constitui óbice a que ele faça aflorar, em imorredoura constância, a referida capacidade. Mas qual capacidade? A de estar não somente, mas a de ser hoje, embora não sendo, como a Divindade não é, em espírito tão majestoso, tal qual em espírito ela não é... poderosa!

18

ÊNFASE NECESSÁRIA*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)*

A narrativa bíblica deveria ter o "*espírito*" como o centro irradiador, elemento importante, que não se desassociasse jamais (como, aliás, não pode mesmo se desassociar) do quadro de fácil percepção aos olhos de carne, estes, sim, pressurosos e acostumados pela via de um costume arrebatador. Mas não é assim que acontece para o plano da realidade; a realidade que é, enfim, algo a que se não pode, jamais, deixar de dar importância, como processo de encarnação que faz com que tenhamos essa conformação que, por sua vez, faz com que não nos pareçamos com o tigre nem com o gato nem com o cavalo nem com a galinha nem com o macaco, ih, com este até podemos parecer; atenção, dissemos apenas parecer. Pois é assim, leitores, até aqui, neste primeiro parágrafo deste texto, como se sente esse plano da realidade, sempre chegando primeiro, mesmo sem que seja o mais importante.

O centro irradiador a que nos referimos é a expressão "*em espírito*", constante em Mateus, 4, 1, como sendo ela a "*anestesia*" que eleva a consciência hominal para a entrega total, inata a uma obediência que é cega ante a vontade divina, para acolhê-la em primeiro e em insubstituível plano, num *ser-viço* exclusivo para aquele que tudo pode - *o Senhor*.

A erradicação extrema dos desejos, como preliminar necessária e fundamental à extirpação do sofrimento, condutora ao Nirvana, segundo o Budismo, se opera pela obediência também cega a Quatro Verdades e a Oito Caminhos, perdendo-se, contudo, no estado de inércia de uma postura meditativa - assim o dizemos com todo o respeito aos budistas. Tal erradicação é mesmo como aquela "*anestesia*" a que nos referimos acima, sendo, no caso de Jesus de Nazaré, imediata e concomitantemente posta numa execução de *ser-viço*, como prova cabal de um terapeuta até hoje nunca igualado por ninguém, tal erradicação - assim vínhamos dizendo - é um fator que diferencia Jesus e o notabiliza, agora não em Nirvana, nem em Paraíso, mas em Reino Celestial; um Reino que é do Céu, sem deixar de ter ligação com a realidade de terra, de mundo. Não foi outra a falta de sentido, por meio dessa "*anestesia*", que conduziu o Jesus de carne, após o Batismo, após os quarenta dias e as quarenta noites no deserto, com fome e com sede, tudo isso após as tentações pelas quais passou e as suplantou, não foi outra a falta de sentido - assim dizíamos - que conduziu o Jesus de carne ao Céu; sim, e assim fez, promovendo uma entrega de *ser-viço*, de total doação, como a de quem introjetou a obediência incondicional do "*não seja feita, ó Pai, a minha, mas a tua vontade*". A poderosa expressão, "*em espírito*", não porque esteja assim escrita, mas pela condição de centro-estático-essencial, agiu em reflexo tão poderoso na carne que, na sequência, a postura de terapeuta mostrava Jesus como homem-Mestre, capaz de uma performance arrebatadora como a relatada nos Evangelhos, em tudo e por tudo mostrando, pois, que esse tudo e esse por tudo dependem do espírito, conquanto tenhamos a planta da realidade na realidade dos nossos pés. O "*espírito*" é que é a lâmpada deles, assim diz o salmista Davi, lâmpada da qual advém a luz verdadeira, única que pode e deve alumiar os caminhos de mundo ***do e para o Eu-Divino-em-cada-um-de-nós***, produzindo bons acréscimos para aqueles pés que simbolizam o instrumento para o nosso agir no mundo.

Então, o *Eu-Divino*, residido na sua carne como um todo e especificamente nos seus pés, atento leitor, prudentíssima leitora, "*anestesiado*" seja ele, ou seja, esse *Eu-Divino* seja "*anestesiado*", evolutiva e incessantemente, como num nascimento novo de quem, como o vento, não sabe de onde vem nem para onde vai, sem nenhuma presunção carnal de que realiza o que pode ser posse e propriedade sua; pois é assim, "*em espírito*", que se torna um *Eu-Divino* consoante a consciência obrigatória de que ele não se torna nunca, porquanto ele já é pertencente, em essência, ao centro-essencial-estático, este que é, ao mesmo passo, contraposto ao periférico-acidental dos pés, com os quais nos plantamos neste mundo. Essa "*anestesia*" propicia a entrega consciente a um amor exclusivo a Deus que, por sua vez, torna a carne - aqui, sim, se diz que a carne se torna, pois ela se pode tornar - torna a carne - dizíamos - ressurrecta de uma "*morte*" não-biológica, de uma "*morte*" das ilusões do mundo, tornando-a imune aos desejos e, via de consequência, ao sofrimento. É-se, então, plenamente certo de que "*se morreu*" e que se é ressurrecto, participando da *indimensão* do eterno (aquele que dura para sempre) e do infinito (aquele que não tem fim).

Assim, é preciso enfatizar que a vontade de Deus, sim, produziu em Jesus, no humano Jesus, a divina (e só poderia ser divina mesmo) situação "*em espírito*", que é como que "*anestesiante*" e é claro que a sua carne respondeu e correspondeu à obediência, não por si, mas pelo *Eu-divino* nela residido, de modo que *o humano se divinizou* ou *Deus se tornou integrado ao Eu-divino* e desse modo a carne ressurrecta de Jesus proclamou não somente que ele *vencera o mundo*, como assim que ambos, Deus e o *Eu-divino*, *são um*, ou seja, uma unidade de centro-essencial-estático.

Quem é assim, em carne, é porque, "*em espírito*", se viu produzido dos seus efeitos poderosos e, então, de carne pura e simples, a qual para nada aproveita, pelo *Eu-Divino*, torna-a ressurrecta da "*morte*" das ilusões do mundo, fonte dos desejos e do sofrimento, antecipando-se, como se antecipou a carne de Jesus, ao eclodir escatológico, pelo soar da última trombeta (veja-se João, 6, 63: *O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida*).

Então, que a *sua* carne, leitor, leitora, se torne "*anestesiada*", "*em espírito e por espírito*", de modo tal que ela perca a condição e a sensação de posse e de propriedade representadas no pronome possessivo *sua*, aqui e agora em destaque, somente-e-somente-só para uma melhor conscientização pelo *Eu-espírito* nela residido.

Enfatize-se isto, sempre!

19

ECLIPSE DE ESPÍRITO EM ESPÍRITO

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Amós, 8, 9:***E sucederá que, naquele dia, diz o SENHOR, farei que o sol se ponha ao meio-dia e a terra se entenebreça em dia de luz.***

Ao comentar a respeito deste versículo 9 do capítulo 8 do Livro do Profeta Amós, assaltamos, de pronto, desse relato profético, um real eclipse total do Sol, com a Terra ocultando-o inteiramente. Mas, bem melhor ainda seria o sentido dinâmico de tais astros, Sol e Terra, se esvaindo ambos, para, então, de *periféricos-acidentais-dinâmicos* de um mundo criado, passarem ao estado escatológico, porta de retorno ao antes do princípio, residência do *centro-essencial-estático...* espírito de Deus.

Aquela interpretação literal, inicial, pois, só pode conduzir a esse fenômeno tão conhecido, que é o eclipse do Sol. Mas com um "como se", qual recurso de comparação, faz, claramente, tudo girar em torno não de Lua nem de Terra nem de Sol propriamente; deve ir-se processando como uma migração gradual, do *periférico-dinâmico-acidental* para o *centro-estático-essencial*, conforme já dissemos. Sim, pode tal afirmação ser uma repetição do que já ficou dito, mas não cansa fazê-la e refazê-la e refazê-la e refazê-la, sem cessar. Realmente, a Terra, já por algumas vezes, escondeu o Sol, fenômeno astronômico pelo qual o dia se faz noite, quem não sabe disso? Mas, em espírito e no espírito, no versículo em comento, isto só se presta para uma mera comparação.

Quero, por isso, de forma *não-instintiva* e *não-intelectiva*, apesar de ser impossível me desprender dessas formas de conhecimento enquanto realidade de carne, quero, por isso - assim vinha dizendo - de forma *intuitiva*, isso sim!, chegar à condição na qual não se chega nem se pode a ela nem nela chegar, que é a condição de *centro-estático-essencial*; chegar nela como um nascido de novo que, como o vento, não sabe de onde vem nem para onde vai. Sim, a condição de *periférico-dinâmico-acidental* se vai desfazendo e, assim, nem Lua nem Terra nem Sol se me podem antepor em visão acostumada e chamativa e pressurosa do processo de olhos de carne, porque, em espírito, terá sido operada a transformação advinda da ressurreição de uma "morte", que é aquela "morte" em que se "morre" das ilusões do mundo. É, pois, o retorno ao antes do princípio, onde não há movimento, e é isto precisamente o *centro-estático-essencial*! Nele e com ele e por ele se revela, destarte, o Deus inerte, inativo, central, estático, essencial, o qual, para os olhos acostumados do *periférico-dinâmico-acidental*, sempre lhes parecerá e aparecerá como algo monótono, sem graça, entediante; é-lhes apenas a aparência de um nada que, por ser nada, nada poderia resolver, contudo, em verdade, contém esse nada o tudo de essência de onde inclusive o nada pode emanar!

Apresso-me, por isso, a reconhecer que, em carne e pela carne, enxergo a profecia de Amós em processo de conhecimento instintivo ou mesmo intelectivo, assim como acontece com qualquer outra. Apenas agora, no que tange exatamente ao versículo 9 do capítulo 8, me abro,

necessariamente, em humildade (de húmus), para, em espírito, me assumir sem sentir na carne e, como um vento e, portanto, como um nascido de novo (que pretensioso!), passo a ver o Eu-Espírito que não é no meu pobre mim bem assente com a profecia em tela, já por isso não precisando nem de Lua nem de Terra nem de Sol, mas inabalável e patente, em irrealidade, permanecendo como *centro-estático-essencial*, no qual se viu, enfim, dissolvida e abrigada aquela realidade de Terra e de Sol que por um período de tempo foi *periférica-dinâmica-acidental*.

Provoque, então, o Todo-Poderoso, no Eu-divino em mim, em imorredoura constância, o eclipse dessa realidade *periférica-dinâmica-acidental* em *central-estática-essencial*, numa forma de conhecimento espiritualizado, socorrendo-me, de verdade, sem limitações, tais como as que naturalmente são impostas a um texto literário como o presente texto ou a qualquer outro...

20

***O REAL QUE ACIDENTALMENTE ESCONDE O ESPÍRITO
(COMO SE ESSENCIALMENTE ISSO FOSSE POSSÍVEL)***

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Livro de Josué, Capítulo 10:

12 Então, Josué orou ao SENHOR, no dia em que o SENHOR deu os amorreus na mão dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu, Lua, no vale de Aijalom.

13 E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isso não está escrito no Livro dos Justos? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro.

14 E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o SENHOR, assim, a voz de um homem; porque o SENHOR pelejava por Israel.

Uma perspectiva de batalha espiritual de Josué com diversos Reis, de diversas cidades, de *periférico-dinâmico-acidental*, do Sol e da Lua, para o *centro-estático-essencial* do Senhor, aludindo a uma parada desses astros, há de ser tomada nessa perspectiva espiritual, sim, muito embora achar o homem, por lhe ser natural, ante o poder de conhecer em face do objeto conhecido, muito embora - assim dizia - achar ele, por qualquer de seu qualificativo (branco ou preto, nacional ou estrangeiro, crente ou ateu, macho ou fêmea, gordo ou gorda, magro ou magra, branco ou branca, negro ou negra) que o *centro-estático-essencial* lhe pareça ou apareça entediante, como de uma mesmice sem atrativo nenhum, justamente porque totalmente envolto **do** e **pelo** *chamativo-atrativo-ilusório* de sua puríssima realidade *periférica-dinâmica-acidental*.

Os leitores e as leitoras não me tenham por complicado, mas, para destrinçar a revelação pretendida no Livro sob enfoque, na passagem escolhida e epigrafada, e no clima de guerra do Capítulo 10, é preciso e é fundamental que, primeiramente, nos atenhamos à linguagem contemporânea do cronista, num tempo em o qual sequer se podia imaginar o fenômeno da rotação da Terra em torno do Sol, tendo-se, isso sim, apenas a ideia de que a Terra tinha o formato de um corpo achatado e o Sol, este não era o astro-rei. Pois bem, o versículo 12 dá o destaque necessário à compreensão não dizemos, mas dá o destaque à conformação de uma consciência, isso sim, decorrência do poder da oração que o homem Josué, em espírito, pelo Eu-Divino nele residido, entrou em batalhas das quais saiu vencedor, mas verdadeiras batalhas de espírito e em espírito, com Deus em (seu?) favor a pelejar.

Tomar como bastante e suficiente a linguagem defeituosa do homem como a vestimenta do que lhe foi possível, em espírito, como alcance de uma Revelação de Deus, é mesmo se ater ao limitado e acanhado, conquanto chamativo e illusório *periférico-dinâmico-acidental*, de Sol, de Lua e de Reis e de Guerras. Isto, na verdade, é o que sempre traz para o primeiro plano de um

entendimento, pela via de um conhecimento, seja instintivo, seja intelectual. Contudo, no plano de Eu-Divino em alta fidelidade com o Divino da Divindade, pela força da oração, tal como a feita por Josué, esta é que o levou, em espírito, a batalhar contra forças inimigas de Deus, e com este pelejando em (seu?) favor, repetimos, pela via de um conhecimento intuitivo, único mediante o qual se pode obter as respostas de Deus.

Portanto, leitores e leitoras, seja-nos permitido, como em Josué o foi, pelo Eu-divino nele residido, que o poder transformativo da "morte" das ilusões do mundo, em ressurreição, dissolva a realidade dos *periféricos-dinâmicos-acidentais* do Sol, da Terra, dos Reis e das batalhas em *centro-estático-essencial* que pode muito mais do que Sol, do que Terra, do que Reis, do que batalhas e que a linguagem defeituosa do homem, iludindo-o com a ideia de uma parada de astros, no céu, não o prenda e não o limite, embora ainda seja e esteja pertencente a esta dimensão chamativa e pressurosa da realidade *periférica-dinâmica-acidental* que tanto o ilude e dela resulta acostumado a gostar, a gostar e a só gostar, não se tenha nenhuma dúvida!

Eis, pois, então, que, para Josué, pelo Eu-Divino nele residido, pela força da oração, os astros Sol e Lua como que pararam no Céu, nunca que isto fisicamente se haja processado realmente; pelo contrário, a íntima relação do finito e impermanente (o homem, ser criado) com a infinita e eterna Divindade, mediante o Eu-Divino naquele residido, ensejou a perfeita conjugação que possibilita não somente dizer, mas vivenciar que "*o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita*" (João 6, 63), muito embora tudo transcorra nela e por ela. E isto é "fenômeno" que acode ao Josué do processo histórico, da Bíblia, como a qualquer outro ser hominal em idênticas circunstâncias, pois a Palavra de Deus não trata tão somente de aspecto histórico, mas de espírito e em espírito, sobretudo.

21

FOGO DE SARÇA E DE FORNALHA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Todos quantos somos separados somos santos num ser que assim se expressa como que em existência; contudo, apenas a linguagem não-humana (pois a humana é defeituosa) deixa aos verdadeiros santos a não-sensação de sentidos e de sentimentos. Assim, o Senhor é santo e santo é o Eu-Divino residido no ser nascido de mulher, qualquer que seja ele. Tenha-se por patente, porém, como mais uma consciência tão adversativa como a do período que a este antecede, a incomensurável *indimensão* de um Senhor que poderosamente não é e de um Eu-Divino, que também poderosamente não é, tudo, enfim, funcionando num plano que não é plano, porquanto significando em si e por si mesmos a inexpressão de um *centro-estático-essencial*. Nesse sentido, que não é sentido, o Senhor e o Eu-Divino, este residido em carne, se permitem, por amor e pela humildade de quem, como homem, se reconhece como pó, se permitem - vínhamos dizendo - a consciência hominal acerca de uma eternidade (daquilo que dura para sempre) e de uma *infinitude* (daquilo que nunca tem fim) e este, o Eu-Divino, é "*presenteado*" em intuir essa consciência hominal, para gáudio da Divindade. E jamais poderá ser pela via de um conhecimento instintivo ou pela intrigante e avassaladora intelectualidade de uma sinuosidade de serpente (o conhecimento do intelecto) que o homem, enquanto ser finito, pode alcançar a amplitude consciencial do que é eterno e do que é infinito, melhor seria dizer do que não é poderosamente eterno e do que não é poderosamente infinito. Só mesmo mediante a consciência de um pleno conhecimento intuitivo a carne pode, não por si, mas pelo Eu-Espírito nela residido, ser veículo para o eterno e para o infinito. E precisamente neste ponto, que não é ponto, o Senhor e o Eu-Divino se conjugam em altíssima fidelidade, fazendo insensível a carne, como, à guisa de exemplo, insensíveis ficaram as carnes de Sadraque, Mesaque e Abedênego, na fornalha em que foram eles jogados por ordem e prazer doentio de Nabucodonosor, o temível rei babilônico. Com uma oração tão forte da parte deles, um quarto personagem terminou aparecendo em meio ao fogo, sendo o aspecto desse quarto personagem semelhante a um filho dos deuses (vide Daniel, Capítulo 3). E eu quero, ainda mais, saindo da Bíblia, saindo do que está escrito, falar de tantos mártires de que trata a História, centralizando-os em Joana D'Arc, a fim de também proclamar que o fogo da fogueira que a fez arder era fogo como o da sarça que, tanto como esta, aquela (Joana D'Arc) não consumia; e assim é que, entregue, em espírito, sorria das labaredas, enquanto os seus circunstantes ficavam na cegueira pela qual só visualizavam dores em suas carnes e nessas suas carnes de olhos cegos se punham na trilha do ditado segundo o qual "*quem vê as barbas do vizinho pegando fogo, põe a sua de molho*". Custou a passagem de tanto tempo e, ainda assim, em que pese o reconhecimento de uma santidade dessa Joana, determinado veículo social-religioso não se exime de postura cada vez mais distante do *centro-estático-essencial*; pelo contrário, dele se afasta, diagonalmente, embarcado na inevitável e pegajosa *periférica-dinâmica-acidental* de quem, em carne, se credita santidade sem que possa viver, por isso mesmo, uma santidade de verdade.

Quer-se, então, proclamar, por mais que tenham sido humanas as mãos e as intenções de um rei e de seus seguidores, que aquele fogo e aquela fornalha apareciam aos olhos de carne do rei e dos seus seguidores como instrumentos de tortura e de morte, mas não aos de Sadraque, Madraque e Abedênego, porquanto estes já haviam "*morrido*", em espírito, a "*morte*" das ilusões do mundo, tanto que fortemente santificados pela santa presença do quarto personagem, o Cristo, que apareceu,

entre eles, materializado, para espanto dos olhos de carne do rei e dos seus seguidores; e este Cristo era aquele mesmo Cristo do que ficou expresso por Jesus, ao dizer "Eu sou antes que Abraão fosse"; era aquele mesmo Cristo do *Eu Sou quem Sou*, do Monte Sinai; era aquele mesmo Cristo que disse *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*; era aquele mesmo Cristo que disse *Eu sou a Porta*; era aquele mesmo Cristo que disse *Eu sou o Pastor*; era aquele mesmo Cristo que disse *Eu sou a Videira* etc.. Veja-se, pois, que o *Eu sou* é uma constância. E esse *Eu sou*, do Senhor, sem lado, porque ele Senhor não o tem, adota o sistema integrativo com o Eu-Divino do interior de cada ser nascido de mulher, de qualquer sexo, de qualquer época, de qualquer cor. É ele, o Senhor, Todo Poderoso, como Poderoso é o Eu-Divino, de residência consciencial no homem de barro, que jamais poderá tê-lo como propriedade e posse suas.

Então o fogo da sarça ardente, como assim o daquela fogueira que ardia em algum lugar da confusão de línguas, que era e continua sendo qualquer Babilônia de hoje ainda, era o fogo do Senhor comunicante e comunicado pela via e pelo elo do Santo Espírito, manifestado, no primeiro caso, a Moisés, dotando o (seu?) Eu-Espírito, pelo seu veículo de carne, dos poderes divinos que lhe foram conferidos e, no segundo caso, a Sadraque, a Medraque e a Abedênego, como a qualquer de tantos mártires, dos poderes notáveis da presença do Divino, pela presença do Cristo, no meio deles, tornados, assim, insensíveis de um fogo que, se consome a carne, não poderia nem poderá, jamais, consumir o Eu-Espírito que traziam (e trazem, ainda e sempre) em consciência hominal de uma poderosíssima oração.

E se pode dizer que o Senhor é Santo, que o Cristo é Santo e que o Espírito, elo comunicador e comunicante, é Santo; e Triunos, portanto, ontem, hoje e sempre. E todo Eu-divino, quando e se necessariamente por humildade e por amor integrado ao Senhor na carne em que este é residido, esta se torna insensível não somente ao fogo (para os que são queimados), mas também insensível às pedras (para os que são apedrejados), mas também insensível às lanças (para os que são lancetados), mas também insensível às forcas (para os que são enforcados), mas também insensível aos fuzis (para os que são fuzilados), mas também insensível às cruzes (para os que são crucificados). E, por falar em cruzes, o *Cristo-assumido-em-Jesus* ou o *Jesus-tornado-Cristo* abarca, na santidade da 2ª Pessoa Triuna, as vítimas dos fuzis, como assim as vítimas das forcas, como assim as vítimas das lanças, como assim as vítimas das pedras, como assim as vítimas do fogo; sim, pois o título dado ao presente texto e contexto (*Fogo de sarça e de fornalha*) apenas sinaliza um continente menor de um conteúdo maior de uma santidade inexplicável aos olhos de carne, a qual, aos olhos do espírito, tudo pode, inclusive não se consumir, no caso do fogo, quanto mais no das pedras, no das lanças, no das forcas, no dos fuzis, no das... cruzes, tudo isso pela força misteriosa de quem não é expressivo e poderosamente Santo, o Trino e Uno SENHOR!

COMO BEM ESCONDER O EU EM CARNE RESGATADA

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sou um crítico de mim mesmo. E, ao dizer *sou*, escondo o *Eu* do *Eu-Divino* em mim e, portanto, (já aqui outro *Eu* que se esconde) *deixo* claro que o realce posto nesta afirmação (*sou*) é da carne e nunca do *Eu*. *Sei* - e aqui também escondo o *Eu* - que o mim que tecla neste *tablet* não é digno de considerações de uma confiança, sobretudo para com o Divino do correspondente *Eu*. E, então, entre *sou* e *sei* há espaço e tempo razoáveis para a carne se dar ao sentir dos sentidos (da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato), da imaginação e da memória, mediante tantos verbos; verbos de ação ou não, verbos de estado também, todos e cada um sempre pronunciados na indicação modal de um tempo presente e sempre escondido e resguardado o *Eu* que é puro e *Divino* e, por isso mesmo, separado!

Vim, e agora falo (ou melhor seria dizer *teclo*?) não no tempo presente, mas no pretérito do modo indicativo de um tempo que passou, como assim passada é a ação nele cometida, *vim* - assim dizia - sempre escondendo o já escondido e protegido *Eu*, para dizer, sempre escondendo o *Eu*, que o estágio de quem assim pode fazer (insistentemente escondendo o *Eu*) é estágio de santo e, portanto, separado, *Divino*!

Quão pretensioso é o cronista - dirão os que se deleitam em desproteger o *Eu*. Para estes, é *Eu* pra cá, é *Eu* pra lá, mas, por certo, o *Eu* que teimam em levar o seu nome de *Eu* em vão é justamente o coitado de um eu com uma desprezível inicial minúscula e, portanto, já tão cansado e já tão enfasiado de tantas e de tamanhas extravagantes repetições.

Por isso comecei dizendo que critico o mim de carne, consciente de um presente de tantos verbos que esse mim possa conjugar na primeira pessoa do presente de um modo indicativo, sempre escondendo o *Eu*. Só assim o *Eu* do meu mim pode ficar separado e, portanto, em integração com o *Divino*, conjugando-se, destarte, em *Eu-Divino* e, portanto, Santo.

O mim de carne tem a sua importância; não que ele seja essencial em si mesmo. Ele é um veículo (e disso não passa) dentro da dimensão deste mundo. Já na *indimensão* do Céu, entretanto, para os que veem o invisível e acreditam no impossível (que significa ter fê), torna-se ele, sem dúvida nenhuma, essencial. Tal aconteceu em escala máxima, inconfundível e insuperável com o mim (a carne) de um homem apenas: *Jesus de Nazaré*. E a fórmula, para tanto, é uma só: mesmo na ambivalência do "*Afasta, Pai, de mim esse cálice*", pelo lado simples de carne, foi cedendo espaço, paulatinamente, sem reservas, para o "*Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade*". Pergunta-se: para tanto se amou a Deus sobre todas as coisas? Não, absolutamente não! Na verdade, como está em Marcos Capítulo. 12, versículo 30, e bem se fazendo a adaptação "*Ama* (sempre num presente como de um eterno e de um infinito), *Ama, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento*". Sim, nada de amar a Deus sobre todas as coisas, porque Deus não as quer (as coisas), pois as tem, por ser *Criador* delas. O que Deus quer é o coração, é o sentimento e que prevaleça a sua vontade e, nessa prevalência, termina, termina?, não!, prossigue a vida de abundância em verdadeiro viver eterno e infinito, por conta do novo nascimento (melhor seria dizer

despertar em espírito), com o *Eu-Divino* integrado à *Divindade* ou esta àquele integrada, segundo a ordem que pretenderem os leitores e as leitoras do cronista!

Quando, na Jerusalém de há três milênios, o homem *Jesus* "morreu" a "morte" das ilusões deste mundo, sem necessidade, para tanto, de açoites, de coroamento de espinhos, de cravejamento dos pés e das mãos, numa projeção de tempo iniciado bem antes, começou essa "morte" de que falamos acima, centrado no amor ao Senhor seu Deus de todo o seu coração, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças, amor esse cujo ponto culminante continua sendo a passagem do *Jardim do Getsêmani* (*Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade*), onde confirmou, de forma plena, a sua entrega de *ser-viço* em um público ministério de terapêutica insuperável e nunca vista até então e, jamais, uma entrega de morte física; esta, sim, é que continua sendo obra satânica de todos quantos concordam com a exibição dolorosa de um homem pregado numa cruz... É que "morrer" a "morte" das ilusões do mundo é o processo que começou praticamente pela superação das tentações, seguiu por um público ministério da já referida terapêutica insuperável, exibiu-se na cristológica afirmação "*Eu e o Pai somos um*", proclamou-se na expressão "*Eu venci o mundo*" e, finalmente, se consumou na entrega acontecida no *Getsêmani* "*Não seja feita, Pai, a minha, mas a tua vontade*". Aqui, então, está alcançada a "morte" das ilusões do mundo e a respectiva ressurreição do vivo da abundância, que é a vida espiritual, com *Deus*. É certo que se fala de uma morte cruelíssima, de cruz, mas isto nunca foi plano de *Deus*, mas obra satânica que envolveu e ainda envolve todos os personagens da classe dos Anás, dos Caifaz, dos Herodes e dos Pilatos, de todos os tempos, inclusive dos dias atuais, dos que se aceitam como crentes de uma salvação decorrente de tal sacrifício criminoso. O homem *Jesus*, por decisão de seus contemporâneos, sofreu, sim, para os olhos cegos de carne dos seus circunstantes, as dores das chibatadas, as dores de uma coroação de espinhos, as dores de cravos a lhe traspassar as mãos e os pés. Mas, para o olho de espírito em espírito residido naquela carne, essas dores conviviam com a anestesia da verdadeira e mais importante "morte": a das ilusões deste mundo.

O processo de "morte" das ilusões deste mundo difere da morte física violenta que, por circunstância social, política e religiosa, terminou fazendo aparentemente vitorioso o persistente *Lúcifer*; aparentemente vitorioso o dizemos, porque sua limitação de anjo caído jamais, mesmo que fosse a hipótese de não se ter envolvido na fraqueza de sua beleza e do seu comércio, pretendendo ser adorado pelo homem, como se fosse *Deus*, mesmo se fosse essa hipótese, insistimos em dizer, ainda assim ele não seria, como ainda continua não sendo, capaz, ante à condição de onipotente, onipresente e onisciente de *Deus Trino* (o Pai, o Filho e o Espírito Santo), de vivenciar aquela "morte"; pois o que deixou *Lúcifer* plenamente derrotado, mesmo ainda persistindo ele com suas ações no mundo, vivendo, como ainda vive, a rodeá-lo, foi a fidelidade de uma obediência de *Jesus-carne*, pelo correspondente *Eu-Espírito* nele residido; uma obediência de novo *Adão*, contraposta à desobediência do *Adão* de barro do *Éden* de ontem e de hoje, ainda.

E os que se deleitam em desproteger o *Eu* têm, ainda, a cegueira na qual se entregam, lamentavelmente, argumentando, de modo tão enfadonho: ora, e o homem, depois de morto numa cruz, ressuscitou dos mortos, tendo aparecido a *Maria Madalena*, a *Pedro*, aos discípulos de *Emaús*, a *Tomé* e a outros discípulos no *Cenáculo*, depois tendo ascendido ao Céu à vista de muitos e, mais importante entre as aparições, na *Estrada de Damasco*, aparecendo e falando a *Saulo de Tarso*, que, de judeu e romano, passou a cristão *Paulo de Tarso*, porém bem mais importante, ainda, aparecendo em *Pentecostes*. É certo que, antes da ascensão, ainda detinha a influência física, visto em forma corporal, tanto que, no caso de *Tomé*, mostrou-lhe o sinal das feridas em suas mãos. Porém, depois, as aparições se processaram rigorosamente em espírito, como, aliás, foi o processo da "morte" mais

importante, a das ilusões deste mundo: "*morrer*" na carne viva de um vivo desta vida a "*morte*" das ilusões deste mundo, tal como em *Jesus-carne*, pelo espírito nele residido, pois foi em vida que ele proclamou que, apesar das aflições do mundo, ele não o temeu e o venceu.

Ora, todo esse desenrolar de fatos, fatos os foram para olhos de carne e, portanto, de cegos, ainda, de carnes não de todo resgatadas dos quantos personagens que tiveram o privilégio de um contato tão perto com o Divino Mestre, perdidos, contudo, ao meio do caminho conducente ao Céu. É que - perdão pela insistência - carne resgatada é a de quem "*morre*" a "*morte*" das ilusões do mundo, tal como aconteceu com a carne de Jesus e só e somente e exclusivamente a ela, até o presente momento, sem nisso consistir um privilégio, uma exclusividade para ele, como, aliás, ele deixou bem patente em João Capítulo 14, versículo 12: "*Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas*".

Portanto, tal como o cronista, que bem não merece ter a carne tachada de pretensiosa, saibam essas suas carnes, leitores e leitoras, pelos Eus nelas residentes, seguir os caminhos pelos quais também possa o Eu estar tão bem protegido, por estar bem escondido, escondidinho, na sede de sentimentos dos seus corações sentimentais, mediante a certeza de ver o invisível e de acreditar no impossível, que significa e se traduz e se revela e se exhibe como a fé poderosa que se há de ser e, não, simplesmente, a fé que se há de ter, porque o ter é pobreza e acanhamento perante o *Senhor*.

E que comecem logo e sem tardanças, sendo críticos do si mesmo de suas carnes.

23

MAÇÃ DAS MAÇÃS

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Ênfase das ênfases - é o que se há de enfatizar na ênfase enfatizada, sempre, do espírito em espírito... en-fa-ti-za-do!!! E o que assim se diz aparece e parece estranho realmente; contudo, no estranho, mesmo, do estrangeiro, ou seja, do que vem de fora, para dentro da carne, tal como o Eu-Espírito operou em Jesus, em integração com o Senhor, de forma a tornar o Filho de Deus no *Cristo-assumido-em-Jesus* ou no *Jesus-tornado-o-Cristo*, e o que assim se diz - repetimos - enfatiza em definitivo o que de fato se pretende enfatizar, mesmo que em um fundo de realidade não seja espírito enfatizado.

Vou irritar você, leitor(a) enfatizado(a), nesta minha crônica, na necessidade de enfatizar o espírito. Larguem, pois, essa mania de me botar defeito, só porque enfatizo a proeminência do espírito, em espírito, de uma forma tão insistente, que possa enganar a carne, sem dela prescindir, sem prescindir, pois, dessa carne sempre cega que não enxerga a possibilidade de uma ressurreição sua, caso o Eu-espírito, nela residido, "*morra*", realmente, a "*morte*" das ilusões deste mundo.

Ainda bem que já tenho despertada a atenção do(a) leitor(a), totalmente enfatizado(a) na ênfase que deixou de ser pretendida, simplesmente porque ela já é. Se você, leitor(a), alevanta a cabeça, se a abaixa, se encurta ou se alonga o olhar, se abre ou fecha os olhos, se enxerga perto ou longe, se vê montanhas, árvores, animais, se a fome e a sede assaltam inevitáveis, se o sexo atrai, se o menino ou a menina chora, se o pirulito é ou não motivo para esse choro, se a TV se exhibe chamativa, numa festa de cores e de formas e de movimentos, se a chuva teima em cair, embora o sol se mostre presente a seus olhos, no firmamento, se o pão com manteiga é envolto da saliva do desejo de uma gustação gostosa de verdade, ah, poderia enumerar tantas circunstâncias mais, pois são elas constantes e inesgotáveis, são uma festa sem dúvida para os olhos de carne, mas... o(a) leitor(a) já se me prende e eu o(a) prendo, somos assim uma unidade de um só pensamento?, não!, somos a sintonia de uma certeza única e una de um centro-estático-essencial, que ignora sem, contudo, descartar as circunstâncias ao alcance de um olhar de olho de carne. É que ele(a) foi em definitivo abrangido(a) e enfatizado(a) do espírito, em espírito, como se fosse isto um ponto, pois ponto não é nem nunca será, mas em essência domina as circunstâncias, todas elas, as que se apresentarem e as ainda por se apresentarem.

Por isso, a visão que você a tem, leitor(a), é a de que este último modesto texto deste livro é contexto para a excelência de todas as maçãs da (minha?) macieira, quais sejam:

01 - *Um mim que pode produzir ouro?* - releiam

02 - *Vencer (de verdade) em espírito em veículo de carne* - releiam

03 - *Um coração de carne espiritualizado* - releiam

04 - *E conhecereis a verdade é a verdade vos libertará* - releiam

05 - *"Escondidinho" de espírito em espírito* - releiam

06 - *Santo Espírito, soprai-me* - releiam

07 - *Ressurreição* - releiam

08 - *Harmonia entre Paulo e Tiago* - releiam

09 - *Obra de Deus, obra dos homens* - releiam

09 - *Ideologia de gênero* - releiam

11 - *Sobre o vinho* - releiam

12 - *Vinde a mim* - releiam

13 - *Eu mindinho* - releiam

14 - *Plantar e colher não só para si...* - releiam

15 - *Eterno e infinito que eternizam e que "infinitizam" a carne* - releiam

16 - *Só há tentação nos limites da carne* - releiam

17 - *Só em espírito* - releiam

18 - *Ênfase necessária* - releiam

19 - *Eclipse de espírito em espírito* - releiam

20 - *O real que acidentalmente esconde o espírito (como se essencialmente isso fosse possível)* - releiam

21 - *Fogo de sarça e de fofalha* - releiam

22 - *Como bem esconder o Eu em carne resgatada* - releiam

Então, muito obrigado por me terem lido e que plantem e que cuidem vocês também, leitor(es), leitor(as), de uma macieira no quintal de suas *ex-istências*, e que seja ela frondosa e cheia de maçãs de ouro, como as que o Eu terminou escrevendo pela minha carne, cujas sementes o Eu espera que encontrem nos Eus que são na carne de vocês o "terreno" propício para macieiras de raízes profundas, das quais possam brotar e crescer outras tantas e tantas mais e melhores **MAÇÃS DE OURO**.

Provérbios, 25, 11:

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo.

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustentem, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

PARA ANOTAÇÕES